



Universidades Lusíada

Reis, Carlos Jorge Vicente dos, 1973-

Reflexão analítica e conceito de uma malha estruturante : caso de estudo do Bairro das Estacas e da Pousada de Ribafria

<http://hdl.handle.net/11067/2244>

Metadados

Data de Publicação	2016-04-27
Resumo	Este trabalho é sobre matrizes em projetos de arquitetura, tendo como casos de estudo a matriz do Bairro das Estacas e a matriz do projeto da pousada em Ribafria. Este último caso é referente a um dos temas estudados nas aulas de projeto do 5º ano de arquitetura....
Palavras Chave	Projecto de Arquitectura, Bairro das Estacas (Lisboa, Portugal) - Edifícios, estruturas, etc., Pousada da Quinta da Ribafria (Sintra, Portugal)
Tipo	masterThesis
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FAA] Dissertações

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-05-10T14:14:59Z com informação proveniente do Repositório



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitetura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

**Reflexão analítica e conceito de uma malha estruturante:
caso de estudo do Bairro das Estacas e
da Pousada de Ribafria**

Realizado por:

Carlos Jorge Vicente dos Reis

Orientado por:

Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto Moniz Zúquete

Constituição do Júri:

Presidente: Prof. Doutor Arqt. Joaquim José Ferrão de Oliveira Braizinha
Orientador: Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto Moniz Zúquete
Arguente: Prof. Doutor Arqt. Mário João Alves Chaves

Dissertação aprovada em: 14 de Outubro de 2015

Lisboa

2015



U N I V E R S I D A D E L U S Í A D A D E L I S B O A

Faculdade de Arquitetura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Reflexão analítica e conceito de uma malha
estruturante: caso de estudo do Bairro das Estacas e
da Pousada de Ribafria

Carlos Jorge Vicente dos Reis

Lisboa

Julho 2015



UNIVERSIDADE LUSÍADA DE LISBOA

Faculdade de Arquitetura e Artes

Mestrado Integrado em Arquitetura

Reflexão analítica e conceito de uma malha
estruturante: caso de estudo do Bairro das Estacas e
da Pousada de Ribafria

Carlos Jorge Vicente dos Reis

Lisboa

Julho 2015

Carlos Jorge Vicente dos Reis

Reflexão analítica e conceito de uma malha
estruturante: caso de estudo do Bairro das Estacas e
da Pousada de Ribafria

Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura e
Artes da Universidade Lusíada de Lisboa para a
obtenção do grau de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto
Moniz Zúquete

Lisboa

Julho 2015

Ficha Técnica

Autor Carlos Jorge Vicente dos Reis
Orientador Prof. Doutor Arqt. Ricardo José do Canto Moniz Zúquete
Título Reflexão analítica e conceito de uma malha estruturante: caso de estudo do Bairro das Estacas e da Pousada de Ribafria
Local Lisboa
Ano 2015

Mediateca da Universidade Lusíada de Lisboa - Catalogação na Publicação

REIS, Carlos Jorge Vicente dos, 1973-

Reflexão analítica e conceito de uma malha estruturante : caso de estudo do Bairro das Estacas e da Pousada de Ribafria / Carlos Jorge Vicente dos Reis ; orientado por Ricardo José do Canto Moniz Zúquete. - Lisboa : [s.n.], 2015. - Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Artes da Universidade Lusíada de Lisboa.

I - ZÚQUETE, Ricardo José do Canto Moniz, 1963-

LCSH

1. Projecto de arquitetura
2. Bairro das Estacas (Lisboa, Portugal) - Edifícios, estruturas, etc.
3. Pousada da Quinta da Ribafria (Sintra, Portugal)
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitetura e Artes - Teses
5. Teses – Portugal - Lisboa

1. Architectural design
2. Bairro das Estacas (Lisbon, Portugal) - Buildings, structures, etc.
3. Pousada da Quinta da Ribafria (Sintra, Portugal)
4. Universidade Lusíada de Lisboa. Faculdade de Arquitetura e Artes - Dissertations
5. Dissertations, Academic – Portugal - Lisbon

LCC

1. NA2750.R45 2015

AGRADECIMENTOS

Ao professor orientador Ricardo Zúquete pelas aulas de orientação, pela disponibilidade em ajudar nos elementos bibliográficos e referências da sua tese de doutoramento.

APRESENTAÇÃO

Reflexão analítica e conceito de uma malha estruturante Caso de estudo do Bairro das Estacas e da Pousada de Ribafria

Carlos Jorge Vicente dos Reis

Este trabalho é sobre matrizes em projetos de arquitetura, tendo como casos de estudo a matriz do Bairro das Estacas e a matriz do projeto da pousada em Ribafria. Este ultimo caso é referente a um dos temas estudados nas aulas de projeto do 5º ano de arquitetura.

Palavras-chave: Matriz, Estacas, Ribafria.

PRESENTATION

Analytical reflection and structuring of a mesh concept case study of Neighborhood of Estacas and the Inn of Ribafria

Carlos Jorge Vicente dos Reis

This work is about arrays in architecture projects having as case studies the array from the Neighborhood of Estacas and array of project of pousada in Ribafria. This last case is referring to one of the topics studied in the 5th year of project architecture.

Keywords for this page: Matriz, Estacas, Ribafria.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1- Plano Diretor municipal de Lisboa, 1947. (Sequeira, 1947).....	27
Ilustração 2 - Planta da construção de casas económicas, 1938. (Lisboa, 1938).....	27
Ilustração 3-Arruamentos principais do PDUL. (Lisboa, 1944-1949).....	28
Ilustração 4-Plano de urbanização da zona a sul da avenida Alferes Malheiro, 1945. (Costa, 1945).....	37
Ilustração 5 - Planta das volumetrias do PUA, 1945. (Costa, 1945).....	37
Ilustração 6 - fotografia aérea do Bairro de Alvalade, 1953. (Nunes, 1953).....	38
Ilustração 7-Fotografia aérea do Bairro de Alvalade, 1950. (Lisboa, 1950).	38
Ilustração 8-Planta de arranjo do terreno, Bairro de Alvalade, 1950-1959. (Lisboa, 1950-1959)	52
Ilustração 9-Alçado nascente da zona comercial, 1950-1959. (Lisboa, 1950-1959)....	52
Ilustração 10-Alçado posterior da zona comercial, 1950-1959. (Lisboa, 1950-1959) ..	52
Ilustração 11 - Rua Teixeira Pascoais, Bairro das Estacas, 1967. (Fernandes, 1967a) 53	
Ilustração 12 - Rua Antero Figueiredo, 1967. (Fernandes, 1967b).....	53
Ilustração 13 - Logradouro, Bairro de São João de Deus, também conhecido por Bairro das Estacas, 1958. (Seródio, 1958).....	54
Ilustração 14-Rua Bolhão Pato, 1964. (Goulart, 1964).	54
Ilustração 15 - Av. Frei Miguel Conteras. (Passaporte, 195-).....	55
Ilustração 16-Conjunto urbano do Bairro das Estacas, panorâmica de Alvalade, entre 1960 e 1969. (Pastor, 196-)	55
Ilustração 17 - Palácio de Ribafria, zona de entrada. (Ilustração nossa, 2013)	60
Ilustração 18 - Palácio de Ribafria. (Ilustração nossa, 2013).....	60
Ilustração 19 – Planta da implantação do projeto da Pousada de Ribafria	61
Ilustração 20-Alçados do projeto de Ribafria	62

SUMÁRIO

1. Introdução	17
1.1. Malha do Plano Diretor de Urbanização da Cidade de Lisboa (PDUL)	22
2. Bairro de Alvalade	29
2.1. Malha do Plano de Urbanização de Alvalade (PUA)	33
3. Bairro das Estacas.....	39
3.1. Malha do Bairro das Estacas	48
4. Malha do projeto da pousada em Ribafria	57
4.1. Comparação da malha do projeto da pousada em Ribafria com malha do Bairro das Estacas	59
5. Posfácio	63
Referências.....	67
Bibliografia	71

PREFACIO

Este Trabalho surge na continuação das aulas de projeto (teóricas e praticas) do 5ºano, onde refletimos uma abordagem em construir uma pousada a partir de um palácio pré existente em Ribafria (Sintra). A ideia de uma malha bidimensional formal do palácio pareceu-me para mim a ideia melhor definidora do palácio e que podia redefinir melhor o meu Projeto com o palácio e com o local.

1. INTRODUÇÃO

Na década de 30, com a chegada do Estado Novo ao poder, surge um aumento na construção de obras públicas na cidade de Lisboa. Estas obras eram chefiadas pelo Engenheiro Duarte Pacheco. Havia intenção de mudar a política urbana da cidade, através do apoio do Estado. Maria Alegre fala desta mudança política urbana na cidade:

“A partir dos anos 30, com a institucionalização do Estado Novo, a cidade de Lisboa é marcada por uma forte intervenção territorial por parte do poder central. As diversas intervenções política-urbanísticas constituíram as primeiras pré-condições para uma ação mais determinante nas propostas e modelos que serão lançados, sobretudo a partir de 1938, altura em que o Eng.º Duarte Pacheco assume a presidência da CML.” (Alegre, 1999, p. 10)¹

Esta política urbana tinha com principal ação expropriação de terrenos no intuito de libertar o solo urbano da cidade para as novas construções urbanísticas. Neste novo desenvolvimento o urbano destaca-se a realização de Plano Diretor de Urbanização da Cidade de Lisboa (PDUL) realizado pelo arquiteto urbanista Étienne de Groer. O plano redefinia a cidade como também estabelecia a nova ordem de crescimento urbano de Lisboa. Maria Alegre explica algumas das novas estratégias que foram incorporadas pelo Governo.

“[...] O Governo irá praticar uma política urbana que visa acabar com o monopólio do solo urbano detido pelos proprietários fundiários [...] intervenções a nível de estrutura fundiária do conselho de Lisboa desencadeadas através do processo de expropriação de terrenos [...] intervenções políticas-urbanísticas reordenamento do território do Concelho de Lisboa através da realização do Plano Diretor de Urbanização da Cidade de Lisboa.” (Alegre, 1999, p. 10)²

Um dos motivos na realização do Plano urbano foi o grande aumento de população na cidade, devido à migração de grandes quantidades de pessoas vindas do campo. Com este crescimento surge o problema de realojar esta nova população. A construção de habitação social surgiu como a solução para a falta de habitação na cidade. Maria Alegre escreve sobre este aumento demográfico em Lisboa:

“A configuração socio – urbanística da cidade de Lisboa nos anos 30-40 caracterizou-se pelo intenso crescimento demográfico que sobretudo a partir da década de 20 foi responsável pela densificação periférica do conselho de Lisboa [...] na procura da resolução do crescente défice habitacional que afeta grande parte da população, o

¹ A partir da década de 30 existe uma nova abordagem em relação ao urbanismo por parte do Governo.

² São utilizados vários tipos de estratégias políticas – urbanas.

Estado leva a cabo um conjunto de intervenções da habitação social. (Alegre, 1999. p. 14)³ “

O Estado teve o apoio financeiro privado na construção deste tipo de obras. Estes bairros sociais tinham como modelo a casa portuguesa, inspirados nas casas unifamiliares das aldeias tradicionais portuguesas. Maria Alegre escreve sobre as casas económicas do Estado Novo:

“[...] A partir de 1938, as instituições de providência tornaram-se a principal fonte de financiamento de casas económicas, mantendo o Estado um amplo poder de controlo [...] o modelo que serviu de inspiração ao Estado Novo foi sobretudo, o britânico, onde prevalecia a ideologia da cidade jardim – a casa portuguesa – e o regime de renda resolúvel estavam presentes nas propostas das habitações contidas nos planos da CML. “ (Alegre, 1999, p. 15)⁴

Lisboa até aos anos 40 era uma cidade com pequenas dimensões, adquirindo nesta altura uma grande escala urbana devido ao acréscimo de população vinda do campo. Com este aumento significativo de população aumentam também os desníveis sociais, diminuindo as condições de vida dentro da cidade. O Estado nesta altura queria também acentuar a capacidade de realização em obras públicas dando ênfase à cidade Capital de Império. Via-se nos bairros económicos a solução ao problema habitacional e na realização de um plano que desse regra à cidade para este novo crescimento urbano. Ricardo Zúquete escreve sobre esta mudança que Lisboa sofreu a nível urbano e social:

“Na década de 40 Lisboa passava de cidade de pequena área a área metropolitana capital de império, manchada por extensos bairros de lata e urbanizações ilegais, que via nas tentativas de “bairros económicos” manifesta insuficiência [...] Era urgente uma intervenção de outro caráter e de maior dimensão. O caráter que terá que ser urbano [...]” (Zúquete, 2000, p. 54)⁵

O Estado tenta também impor uma regra na habitação, que estava dominada por construtores que viviam mais no benefício do lucro, construindo edifícios para a burguesia que não se preocupava muito com a qualidade da construção. Através de uma lei rigorosa o Estado tentava mudar o rumo da habitação para que o plano de Duarte Pacheco resultasse, que tinha como objetivo fazer uma cidade à imagem do Estado Novo e capital de Império. Ricardo Zúquete cita a política-urbana do Estado:

“A expansão da cidade pela mão cuidada de Duarte Pacheco, era possível graças a uma rápida e eficaz política de expropriação, que de um modo sistemático e prepotente se apoderou de vastas áreas de previsível crescimento para a cidade [...] faltava agora

³ Com a invenção da máquina e a revolução industrial surge um grande aumento de população nos grandes centros urbanos.

⁴ O Estado procura apoio financeiro privado para a construção das casas económicas.

⁵ Com o aumento demográfico surgem problemas graves nas condições habitacionais.

uma inteligente engenharia financeira, por forma viabilizar esta nova dimensão e para este tipo de obras, e por isso o Estado principiou a criação de estímulos para a participação de capitais particulares [...] a invasão pelos construtores de fora em busca de fácil lucro, pela construção pouco exigente para uma menos exigente pequena burguesia, marcou grandes áreas da cidade [...] Salazar decide disciplinar a construção civil. Tenta assegurar a renumeração dos capitais que permitissem uma contribuição eficaz para o problema da habitação [...] “ (Zúquete, 2000, p. 55, 56)⁶

O modelo da casa portuguesa na habitação económica era a ideia que se aproximava mais com as ideias tradicionalistas e ruralistas que o Estado pretendia na sua arquitetura. A investida na habitação social adaptava-se na perfeição em termos financeiros para o Estado. A cidade crescia nesta altura para escalas significativas e este tipo de habitação resolvia o problema habitacional não trazendo tanta despesa.

Ricardo Zúquete explica a opção das casas económicas em Lisboa:

“A “casa económica” surge como proposta panfletária de uma nova ordem e território ideal para expressar a política social do Estado Novo. Sobre habitação social e as carências que se sucederam, sobretudo na capital - que nos anos 40 a 60 passa de uma cidade a uma área metropolitana com o dobro da população - foram na prática um simulacro de política de investimento que o regime não estava disposto a alargar, por ter outras prioridades. “ (Zúquete, 2000, p. 45)⁷

O conceito da casa portuguesa baseava-se nos princípios de família diferente dos princípios organizativos dos edifícios coletivos. Raul Lino foi dos que mais defendeu este tipo de habitação social opondo-se a ideias modernistas. Com esta ideia estava posto de parte a habitação coletiva, optando-se por um caminho de casa unifamiliares tradicionais dentro do território urbano da cidade. Para quem vivia nestes bairros tinha oportunidade de viver também num território rural lembrando as aldeias portuguesas, com edifícios tradicionais que o Estado Novo defendia. Ricardo Zúquete fala deste conceito de casas económicas:

“A figura de Raul Lino, e a sua doutrina de “casa portuguesa”, cumpriam esta ideia do regime sobre a questão da habitação, como representação de uma vida nova, uma dádiva do Estado Novo, com respeito pela tradição ruralista e familiar. A ideologia do regime usou a doutrina de Lino que bem enquadrado e devidamente apoiado, dizia que o internacionalismo na arquitetura devia ser proibido [...] para evitar a habitação coletiva e permitir o alinhamento de casinhas unifamiliares, resultantes, dos modelos propostos pelo teorizador da “casa portuguesa”[...] Estes bairros, permitia manter a tão desejada imagem da “terra portuguesa” proporcionando aos utentes um estilo de vida ruralista com o conforto da cidade [...] os arquitetos que haviam protagonizado o movimento modernista, aderiam à arquitetura vigente, mais por falta de convicções em relação às suas anteriores “atitudes modernistas”. (Zúquete, 2000, p. 47, 52, 53)⁸

⁶ Salazar decide disciplinar a construção civil para que o plano de ordenamento da cidade resultasse. Com o aumento demográfico surgem problemas graves nas condições habitacionais.

⁷ A habitação social surge com solução ao problema habitacional da cidade.

⁸ Na construção dos bairros sociais foi adotado o modelo tradicional da casa portuguesa.

Nesta altura Lisboa comemorava as celebrações centenárias que salientavam a obra do Estado dando relevo à cidade como capital de império. A cidade através da arquitetura revestia-se de acordo com a importância. Margarida Accaiuolli escreve sobre estas celebrações na cidade:

Os avatares gloriosos das celebrações centenárias cobriam Lisboa de funções rebentadoras. Não bastava ter feito dela um palco privilegiado das comemorações e um lugar das mais espetaculares transformações urbanas, com direito a representarem e ao “poder realizador “do Estado Novo. (Accaiuolli, 1991, p. 308)⁹

Estas remodelações urbanas no entanto, não escondiam os verdadeiros problemas da cidade, Lisboa sempre teve um crescimento lento e não estava preparada para esta nova investida a larga escala com um traçado muito forte. Este novo desenvolvimento urbano não ia de encontro aos problemas habitacionais e sociais de Lisboa. Margarida Accaiuolli cita sobre este novo avanço urbano na cidade:

“A verdade porem, este recente cenário citadino mascarava a configuração de uma desvalia que nem a nova auto – estrada nem as obras do Estádio Nacional, nem as gares marítimas e do aeroporto podiam esconder. Cobertura das obras públicas tapava mal uma cidade que crescera a revelia desde o princípio do século alheada ao seu processo, mergulhada nas carências imediatas. “ (Accaiuolli, 1991, p. 308)¹⁰

O modelo da casa portuguesa não se adaptava à realidade urbana de Lisboa. Era uma opção baseada na ruralidade que se afastava de situações urbanas modernas. Pretendia-se a imagem do campo pondo-se em questão modelos mais urbanos. As obras salientavam o poder do Estado inspirados na arquitetura tradicional havendo um contra ponto com outro tipo de arquitetura. Margarida Accaiuolli fala sobre esta arquitetura do Estado Novo:

“Mas o grande problema de ajustamento de Lisboa aos rigores da nova realidade que irrompia era que ela não era reflexo nem resposta à figuração ideológica da “pequena casa lusitana ”caída de branco, com flores na janela caracterizadores do Portugal salazarista [...] É no interior destas resistências, na pertença defesa de uma portugalidade intimamente conexas com o tempo e uma guerra aberta contra o que não inscrevesse numa dimensão, escala ou assinatura nacional, que se vai inserir a nova configuração da cabeça do império de um novo itinerário citadino, com laivos de grandeza controlada. “ (Accaiuolli, 1991, p. 308, 312)¹¹

Com a Carta de Atenas surgia uma nova arquitetura inspirada em formas livres, novas abordagens urbanas, existindo uma racionalidade. Tentava-se gerir todas as potencialidades da cidade, criando zonas específicas para cada função, como zona de

⁹ A arquitetura teve um papel predominante nas celebrações centenárias.

¹⁰ Esta nova remodelação urbana não escondia os verdadeiros problemas da cidade.

¹¹ A arquitetura do Estado Novo baseava-se em modelos habitacionais das tradicionais casas portuguesas.

comércio, zonas residenciais, serviços, indústria, etc. Margarida Accaiulli escreve sobre o modernismo:

“ [...] adaptar a arquitetura e o urbanismo às velocidades atuais ...construir um centro de negócios da região ou do país [...] encurtar distâncias, ganhar tempo, restituir a totalidade do solo à circulação, instituir em suma uma relação inteiramente nova entre as dimensões e o solo necessário à circulação”. (Accaiulli, 1991, p. 316)¹²

Para Raul Lino os espaços verdes tinham também de retratar o mesmo ambiente rural, com zonas verdes com características rurais dentro da cidade em contraponto com as zonas verdes urbanas. Os edifícios residenciais eram substituídos por bairros económicos. Era criado um novo rumo para a cidade afastando-se de propostas mais racionais e modernas. Margarida Accaiulli escreve sobre a arquitetura do Estado Novo:

“A intervenção de Raul Lino na qualidade de vereador da câmara Municipal, teve importância sociológica enorme [...] ele manifestava a falta que se sente de campos e pequenas matas onde se possa expandir nos feriados [...] a sua ideia é que em vez jardins a população precisaria de bosques [...] mas entre a Lisboa de Duarte Pacheco e as ainda tremulas visões de uma “cidade radiosa” há essa inversão suprema de uma medida própria [...] a um lugar provincial de escala reduzida, com jardinzinhos de recreio, em vez de parques e com bairros de renda limitada em lugar de quarteirões luxuosos. “ (Accaiulli, 1991, p. 327)¹³

Lisboa até esta altura sempre viveu de um crescimento sem qualquer planeamento real havia por parte dos governos uma despreocupação na gestão do solo urbano, havendo assim uma descontinuidade entre as várias partes da cidade. João Costa (2010, p. 15) refere que “entre 1910/20 e meados dos anos 30; caracteriza-se, ao nível de planeamento da cidade, por uma relativa indiferença do poder no que se refere aos problemas municipais, nos quais se verificou um mera gestão dos problemas herdados da primeira república.”¹⁴

Na década de 30 surge os primeiros modernistas, era posto em questão a organização tradicional da cidade que se caracterizava pelos quarteirões construídos por ruas corredores João Costa cita sobre esta nova perspetiva urbana:

“Particularmente ao nível da arquitetura, nos anos 30, procura-se uma nova linguagem estilística, não pela rotura com a produção anterior mas pela sua transformação, no sentido em que não se alteram na habitação os tipos de organização espacial urbana e arquitetónica. (o quarteirão e o lote tradicionais) ”. (João Costa, 2010 p. 15)¹⁵

¹² Com o modernismo surgem novos princípios na arquitetura baseados na funcionalidade.

¹³ Nesta altura existe um novo rumo para a cidade, mas baseado em modelos ruralistas.

¹⁴ A cidade sempre viveu de um crescimento um pouco anárquico.

¹⁵ O modernismo baseava-se em princípios urbanos funcionais e racionais.

Com a revolução industrial surge a invenção da máquina alterando os hábitos de vida das populações, existindo um grande aumento de população em especial nos grandes centros urbanos como foi o caso de Lisboa. As pessoas vinham da província à procura de emprego e melhores de condições de vida na cidade. Com este aumento demográfico acentua-se as diferenças sociais e via-se nas casas económicas a solução à carência habitacional na cidade. Sofia Barroco escreve sobre o século XIX em Portugal:

“O desenvolvimento económico em Portugal sofreu um acentuado atraso devido às invasões francesas e à guerra civil. Contudo, na segunda metade do século XIX, o aparecimento da máquina a vapor e a introdução das máquinas na industrialização demarcaram uma mudança nos modos de vida da população portuguesa. Associado aos fatores de evolução industrial encontra-se o aumento demográfico nas principais cidades, como o caso de Lisboa e Porto. Em 1890, um terço das pessoas que caracterizavam a população destas duas cidades, era de origem rural, emigrantes que procuravam emprego na indústria com o objetivo de melhorar a sua qualidade de vida. O relevante aumento de população traduz-se deste modo, no campo habitacional através da sobreocupação dos edifícios existentes e do aumento da procura de habitação a baixos custos. “ (Barroco, 2011, p. 2, 3)¹⁶

1.1. MALHA DO PLANO DIRETOR DE URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE LISBOA (PDUL)

Nos anos 30 o Estado opta por uma política de forte intervenção urbanística. Esta política-urbana era chefiada por Duarte Pacheco que nesta altura obtinha o cargo de presidente da Câmara Municipal de Lisboa (CML). Uma das ações previstas, foi a expropriação de terrenos para a libertação do solo urbano na construção da nova cidade, como estrutura organizativa deste novo desenvolvimento urbano é realizado o PDUL de autoria de Groer. Maria Alegre escreve sobre este novo avanço urbano na cidade:

“[...] Intervenções político-urbanísticas de reordenamento do território do conselho de Lisboa através da realização do primeiro Plano Diretor de Urbanização de Lisboa elaborado por E.de Groer-cujo o objetivo principal era estabelecer regras urbanas para o crescimento e organização da cidade. “ (Alegre, 1999, p. 10)¹⁷

O plano criava um novo processo desenvolvimento da cidade, organizando-se também através do zonamento, que se baseava em criar zonas para as diversas áreas de funcionamento da cidade. Maria Alegre escreve sobre o PDUL:

¹⁶ Com o aumento de população nos grandes centros urbanos surgiu também os problemas em realojar as pessoas que migravam para a cidade.

¹⁷ O avanço urbano da cidade, estava delimitado pelo PDUL.

“Para além de distinguir as linhas de força de desenvolvimento da cidade, o PDUL pretendia definir regras e regulamentos a observar na execução de planos parciais que iriam definir ser estudados e executados. O principal instrumento de intervenção do plano foi o zonamento que previa a divisão de espaços em áreas de diferentes usos às quais se aplicava legislação específica. “ (Alegre, 1999, p. 12)¹⁸

O plano tinha como ideia principal criar uma trama radio-concêntrica, organizando a cidade por vários conjuntos urbanos. A trama era constituída por eixos viários principais que cruzavam por sua vez as artérias concêntricas formando no interior núcleos urbanos. Foram artérias definidoras do plano: Av. António Augusto Aguiar que ligava a cidade para norte, a auto estrada Lisboa – Cascais na ligação para ocidente e para oriente a marginal que ligava a zona portuária. Maria Alegre escreve sobre as características principais do PDUL:

“O PDUL contemplava as seguintes linhas de desenvolvimento:

- Criação de uma estrutura de cidade radio-concêntrica;
- Organização de densidades de populacionais decrescentes do centro para a periferia;
- Diferenciação funcional da cidade distinguindo as zonas de habitação, de comércio de indústria, espaços de ar livre, etc.;
- Construção de uma ponte sobre o rio Tejo;
- Construção de um aeroporto internacional; criação de um parque em Monsanto;
- Entre os planos parciais de expansão da cidade para norte, previa-se o seu desenvolvimento para norte e a criação de bairros sociais.

Com o PDUL, o município definiu uma estratégia de expansão e desenvolvimento da cidade apoiada numa estrutura radio-concêntrica, através de um conjunto de grandes artérias radiais que ligavam o centro da cidade à periferia atravessada por circulares concêntricas. ¹⁹ (Alegre, 1999, p 13)

O plano surge na resolução do problema de falta de habitação devido ao aumento de população na cidade. Uma das soluções também obtidas na solução aos prolemas habitacionais foi a construção de casas económicas. Estes bairros tinham como influencias modelos construídos em Inglaterra que se baseavam na cidade – jardim. Eram bairros que se distribuíam pela periferia do plano inspirado nas casas tradicionais portuguesas. Maria Alegre escreve sobre os bairros económicos em Lisboa:

¹⁸ O PDUL criava zonas específicas para as diversas funções da cidade, um dos princípios da Carta de Atenas.

¹⁹ Através de uma malha radio-concêntrica o PDUL traça a nova organização urbana da cidade.

“Foram construídas em Lisboa, distribuídos pela Ajuda, Alto da Ajuda, Alto da Serafina, Arco do Cego, Alvito, Calçada dos Mestres, Caselas, Madre Deus, Encarnação, Terras de Forno. Estes bairros afastados do centro da cidade, davam origem a bairros de fisionomia e traçado similares formando “aldeias” no interior da própria cidade. “ (Alegre, 1999, p. 16)²⁰

Lisboa passa a ter uma área de grande escala a partir dos anos 40 e um grande acréscimo de população devido à migração de população vinda do campo, crescem também as diferenças sociais, aumentando os problemas na habitação e diminuindo as condições de vida dentro da cidade. O plano urbano era assim a solução imediata para todos estes problemas que Lisboa atravessava. O PDUL tinha como ideia dar conclusão a artérias e partes da cidade inacabadas como também criar novas linhas viárias e novos espaços urbanos, através de uma matriz que envolvia todo o espaço urbano da cidade. Tratando-se de um desenvolvimento urbano a grande escala, obrigou o Estado a uma estratégia urbana baseada na expropriação de terrenos, libertando o solo urbano, para a construção da nova cidade. Ricardo Zúquete (2000, p. 54) refere que “era urgente uma intervenção de outro carácter, o carácter terá que ser urbano, assumindo a insuficiência do anterior programa da casa unifamiliar, inserido na cidade, completando as avenidas e os seus alinhamentos, alamedas e praças do plano de Groer”.²¹

O plano dava ênfase à cidade como capital de império, a habitação social surgia também como nova regra urbana baseada nas ideias tradicionalistas pretendidas pelo Estado Novo. Ricardo Zúquete (2000, p. 45) cita que “A cidade capital de império chamaria a si um papel exemplar, que o seu plano diretor em elaboração desde 1938 por Étienne De Groer procurava concretizar”.²²

O plano fazia parte desta imagem de poder que o Estado queria na construção de obras públicas, através de um traçado extenso e forte, que representa-se as ideias do regime. Este plano no entanto afastava-se dos verdadeiros problemas da cidade, Lisboa até esta altura sempre apresentou um crescimento lento e não estava preparada para uma investida como esta a larga escala. Margarida Accaiuoli escreve sobre o PDUL:

“Era preciso que ela colaborasse diretamente ou indiretamente na construção mítica de uma imagem política e cultural à altura desses desígnios cuja a consciência Salazar se empenhara em reforçar incumbindo Duarte Pacheco de a traduzir sob a organicidade de novos traçados. Dizia-se então “constrói-se uma cidade nova e melhora-se antiga” com centenas de milhares de contos gastos com um grande plano [...] A cobertura das

²⁰ O PDUL e os bairros sociais foram uma das apostas do governo ao problema habitacional em Lisboa.

²¹ O plano de Groer tinha continuidade urbana com a cidade concluindo algumas das suas artérias.

²² O PDUL retratava também as ideias políticas-urbanas defendidas pelo Estado Novo.

obras publicas tapava mal uma cidade que crescera à revelia desde o principio do século, alheada ao seu processo de crescimento mergulhada nas carências mais imediatas que agora mostrava grande dificuldade em assimilar esta espécie de cirurgia repentina. “ (Accaiuolli, 1991, p. 308)²³

Com o plano são criados novos espaços para urbanização, propondo uma cidade nova, com habitação económica. João Costa (2010,p 17) refere “ainda nesse mesmo ano, são publicados os objetivos do plano, dos quais se destaca a expansão da cidade para norte promovendo novas áreas habitacionais, de que resultará posteriormente o Bairro de Alvalade.²⁴

A exposição do mundo português serviu para afirmar as ideias do regime, criando nesta altura o estilo arquitetónico “português suave”. Os edifícios públicos revelavam o poder que o Estado queria transmitir nas suas obras enquanto, que os edifícios habitacionais eram inspirados em modelos tradicionais portugueses. João Costa escreve sobre a arquitetura do Estado Novo.

“Lisboa preparava então a exposição do Mundo português, a qual cumpria sobretudo o seu papel ideológico de propaganda das virtudes do regime e do nacionalismo crescente, sendo a arquitetura o meio chamado para as exaltar [...] foi a partir deste acontecimento, e à medida que o vasto programa de obras públicas avançou com construções tipo por todo o país, que se tipificou a arquitetura portuguesa ou estilo *português suave* [...] ao nível dos edifícios públicos, por uma procura da monumentalidade, enquanto expressão de grandeza do Estado, demonstrando um sentido de autoridade, com recurso frequente a um vocabulário clássico [...] ao nível da habitação, por um tradicionalismo enquanto forma de exaltação dos valores tradicionais.” (Costa, 2010, p 17)²⁵

O plano estava organizado por zonas com níveis sociais diferentes, as classes operárias com o crescimento populacional e a revolução industrial foram alojadas junto das zonas industriais, nos bairros mais antigos da cidade e em bairros económicos.

Sofia Duarte explica a organização social do PDUL:

“A malha urbana de Lisboa é facilmente identificada como um conjunto de áreas delimitadas que registam sinais exteriores de diferenciação social. Tendo em conta as diferentes escalas do habitar urbanos, que caracterizam o espaço habitacional [...] a ocupação habitacional em Lisboa, refletiu-se de igual modo na sobreocupação de edifícios antigos nos bairros populares da cidade e vizinhança das zonas industriais, bem como nas novas construções, com raízes na habitação rural. “ (Duarte, 2011 p. 2, 3)²⁶

²³ O plano representava um novo rumo para a cidade mas que se afastava do verdadeiro processo de crescimento urbano de Lisboa.

²⁴ Com o PDUL surgem novas zonas urbanas dentro da cidade.

²⁵ Da exposição surgiu arquitetura do Estado Novo, *Português Suave*.

²⁶O plano criava zonas para os diferentes estratos sociais.

O plano tinha também como objetivo ligar a cidade ao resto do país tendo ligação com Espanha, estando preparado para uma futura ponte sobre Tejo. O parque de Monsanto surge como principal mancha verde. O PDUL estava também preparado para futuros planos diretores. Francisco Serdoura escreve sobre o plano de Groer :

“Essa intervenção no caso de Lisboa, foi orientada no sentido de definir e permitir a construção da rede viária fundamental da cidade e das ligações ao Centro, Norte e Sul do País e a Espanha, bem como a ampliação do porto e a construção do aeroporto. De uma forma geral, a política urbana então promovida conjuntamente, pelo município e pelo Estado, consistia na criação de infraestruturas fundamentais ao desenvolvimento da cidade. O Plano de Groer faz a indicação de um conjunto de condições futuras de crescimento e desenvolvimento de Lisboa. “ (Serdoura, 206 p. 134)²⁷

O anterior plano realizado em 1920 com continuação das vias principais pré-existentes do centro da cidade criava novos desenvolvimentos para a cidade mas de forma confusa e pouco consistente. Beatriz Marques fala do plano antecedente ao PDUL:

“Em 1920, uma Sociedade Financeira apresentou à Câmara uma proposta de um *Plano de Desenvolvimento Sectorial de Lisboa* que propunha, para além da continuação do desenvolvimento do plano das Avenidas Novas, o prolongamento da Avenida Joaquim António de Aguiar bifurcando para Campo de Ourique, o desenvolvimento da Rua Tenente Valadim para ligar a Avenida 24 de Julho (Avenida Infante Santo), a continuação da Avenida Almirante Reis até ao Areeiro, com vista à saída norte da cidade [...] Este plano distinguia duas grandes áreas de desenvolvimento urbano: uma para as classes mais abastadas, entre o Parque Eduardo VII e Palhavã, e outra mais modesta, desde Santa Apolónia até à Penha de França. Apesar destes planos, a cidade continuava a desenvolver-se mais sobre os arruamentos já existentes ou à sua margem, principalmente da zona da Avenida Almirante Reis onde nasceram novos bairros que, ainda que planeados, resultam num conjunto desarticulado e, aparentemente, desordenado. “ (Marques, 2009, p. 21)²⁸

²⁷ O PDUL estruturava o novo desenvolvimento da cidade como também criava ligações com o resto do país.

²⁸ O anterior plano criava uma linha de desenvolvimento urbano mas de uma forma um pouco anárquica.

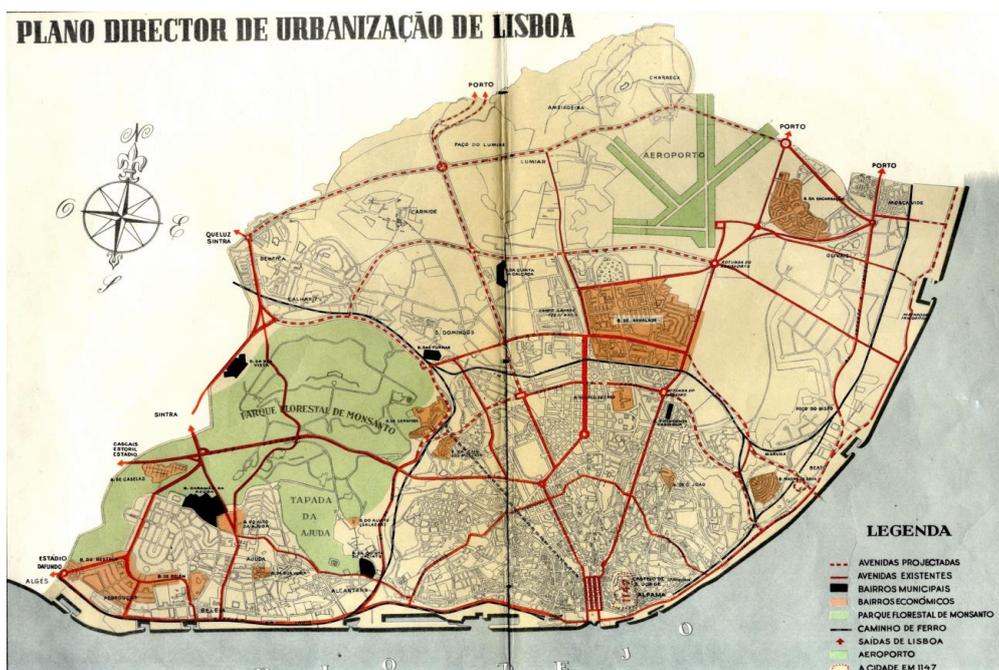


Ilustração 1- Plano Diretor municipal de Lisboa, 1947. (Sequeira, 1947).



Ilustração 2 - Planta da construção de casas económicas, 1938. (Lisboa, 1938).

2. BAIRRO DE ALVALADE

Realizado pelo arquiteto Faria da Costa nos anos 40, o Bairro de Alvalade surge no desenvolvimento urbano do Plano de Groer na zona norte da cidade. O bairro surge da política de investimento do Estado em habitação social. Com uma área considerável de 230 ha, o Plano de Urbanização de Alvalade (PUA) realojava 45.000 habitantes em resposta ao problema de falta de habitação na cidade. Maria Alegre escreve sobre Alvalade:

“O Bairro de Alvalade inicialmente designado por “plano de urbanização da zona sul da Av. Alferes Malheiro” abrange uma parte significativa da área de expansão proposta do PDUL [...] Planeado no início da década de 40 por Faria da Costa, para uma população de 45.000 habitantes [...] resultou de diretivas de fomento económico e social da responsabilidade direta do governo.” (Alegre, 1999, p. 9)²⁹

O bairro é realizado em 1945 e foram varias as inovações propostas no PUA, em relação ao que era feito até então em bairros económicos, com por exemplo: o plano organizou-se segundo a ideia “unidade de vizinhança”, a conjugação de diferentes tipos de estratos sociais ou a criação de vários tipos de rendas. Maria Alegre cita sobre o bairro:

“A necessidade de adaptar o plano aos novos conceitos de organização de cidade prevaletentes, baseados na “unidade de vizinhança” [...] a organização do PUA contemplou terrenos destinados à construção casas de renda económica a par de edificações não sujeitas a limitações de renda. A combinação de diversas habitações com categorias sociais diferentes tornou-se essencial para assegurar viabilidade económica do plano. “ (Alegre, 1999, p. 9)³⁰

O bairro vem no mesmo seguimento da política urbana que o Estado realizou para este tipo de obras de habitação social. Alvalade contudo apresenta uma nova postura em relação ao urbanismo em relação aos anteriores bairros sociais. O plano tem continuidade com a cidade e com o PDUL e existe uma escala urbana com maior concordância com a realidade urbana da cidade. Era assim pretexto para receber classes mais elevadas que não se integravam nos anteriores bairros sociais. Ricardo Zúquete escreve sobre o Bairro de Alvalade:

“De iniciativa camararia e projetado por Faria da Costa em 1945 era uma versão menos festiva e mais urbana do modelo Radburn. O lugar ideal para atender ao alojamento de uma nova pequena burguesia que não podia aceder aos programas de bairros

²⁹ Os bairros económicos surgiam como a solução ao problema de habitação, criado com o aumento de população na cidade.

³⁰ O conceito de unidade de vizinhança era um dos princípios urbanos da Carta de Atenas.

económicos, mas contudo de recursos limitados, e legítimas ambições ao modelo de burguesia lisboeta. “ (Zúquete, 2000, p. 54)³¹

Implantado numa área de 230 ha, a sua construção, é possível devido à política de expropriação de terrenos levados a cabo pelo governo e município tendo o apoio financeiro de entidades privadas. Ricardo Zúquete (2000, p. 55) cita “Alvalade era o lugar ideal para o ensaio de uma grande operação conjunta entre o município, organismos cooperativos, instituições de providência social, empresas comissionárias”.

Até esta altura a construção é dominada pelos construtores com um negócio fácil com a burguesia de Lisboa. Com este descontrolo no setor da construção, o Estado decide impor uma ordem, para que se invertessem as coisas e o plano de Duarte Pacheco tivesse continuidade. Com o apoio financeiro de capital privado o bairro é construído sobre esta nova política – urbana, experimentando uma nova abordagem urbana mas não abandonando o caráter tradicional que caracterizava as obras do Estado Novo. É abandonada a escala rural em bairros sociais mas mantendo o conceito da casa tradicional portuguesa. Ricardo Zúquete escreve sobre esta mudança de política – urbana no Bairro de Alvalade:

“ [...] não foi fácil para o Estado estimular os capitais privados, que logo compreenderam que o troco de escassas compensações, teriam que suportar grande parte dos encargos inerentes à operação [...] Salazar decide disciplinar a construção civil. Tenta assegurar a renumeração aos capitais que permitissem uma contribuição eficaz para o problema da habitação [...] Alvalade é o primeiro bairro abrangido por todas estas condições da nova legislação, ditando o fim dos bairros sociais com características rurais e o princípio de um inovador sistema, que sustentado por uma hábil política e engenharia financeira, permitiu ensaiar pela primeira vez uma solução de fundo para o problema de habitação social, integrada na cidade, mantendo os valores da “casa portuguesa” (Zúquete 2000, p. 55, 56) ³²

O bairro com princípios de modelos tradicionais portugueses tinha também influência de conceitos internacionais como por exemplo bairro de Radburn :Ricardo Zúquete (2000, p. 56) cita “Alvalade é simultaneamente uma versão urbana da cidade jardim de Radburn e uma adaptação à imagem urbana que Duarte Pacheco queria para Lisboa.

Nesta altura era realizado primeiro congresso de arquitetura, onde se pôs em questão esta arquitetura nacionalista do Estado Novo, havendo uma reflexão sobre os novos princípios modernistas. Ricardo Zúquete cita sobre este congresso:

³¹ Existe no Bairro de Alvalade um raciocínio urbano de continuidade com o plano da cidade.

³² O governo decide impor uma regra política-urbana para que o desenvolvimento urbano da cidade resulta-se.

“Foi neste quadro de pós – guerra com um regime menos seguro que teve lugar o primeiro congresso de arquitetura em Portugal. Era o alento de uma nova geração que ia mudar, pelo menos a arquitetura, aproveitando o estímulo dos ideais democráticos vitoriosos, e o princípio de um instável difícil período de transição que o regime iria atravessar, o momento da arquitetura moderna em Portugal. “ (Zúquete, 2000, p. 59) ³³

Conhecendo os princípios da Carta de Atenas, os arquitetos no entanto, devido à sua postura profissional e outros critérios pessoais, não optavam pela arquitetura modernista, realizando os seus projetos dentro do estilo nacionalista.

Alvalade é um bairro bem concretizado, a nível social tem uma nova abordagem ao problema da habitação social, como a nível urbano criando um projeto atrativo e racional. Margarida Accaiuolli (1991, p. 327) refere, “apresenta-se nesta conjuntura como uma tentativa bem lograda para reestruturas, em termos adequados, uma perspetiva sobre a capital.”³⁴

Alvalade no entanto não deixava de conter as ideias que o Estado Novo proclamava, onde existia acima de tudo um bairro que se regravava ainda por modelos tradicionais portugueses. Margarida Accaiuolli (1991, p. 351) cita, “deu força a esta obra de “casa económica”, da casa das mais pobres preconizadas com casa salubre, independentemente como um ninho lar de família operária, lar modesto, recolhido, português.”³⁵

Até esta altura a política de habitação social esteve direcionada em realojar populações de níveis sociais inferiores, era assim oportunidade de agora com um novo bairro e com outras perspetivas urbanas realojar estratos sociais mais altos. Margarida Accaiuolli escreve sobre esta mudança a nível social que houve em Alvalade.

“Apesar dos “bairros económicos “e “casa para famílias pobres “seguirem o seu curso, não se atenderam ainda aos agregados familiares cujos proventos eram menos restritos, ou seja, não se atendera a uma vasta – burguesia de funcionários públicos, proletarizados à força mas que mesmo assim “não queriam ou não podiam tornar-se proprietários de habitação económica” [...] O atendimento das necessidades dessa camada social tinha de ser enfrentado em moldes diferentes [...] “ (Accaiuolli 1991, p. 358)³⁶

O plano com aprovação em 1945, uma altura em que existia uma disponibilidade política, financeira e cultural por parte do governo, João Costa (2010, p. 17) refere” é elaborado num período de plena consolidação do regime do Estado Novo, quando já é

³³ Do primeiro congresso surgem projetos modernistas como por exemplo o Bairro das Estacas.

³⁴ Alvalade apresentava-se como um bairro com boas condições para viver.

³⁵ O bairro no entanto não deixa de revelar as ideias tradicionalistas do regime.

³⁶ No bairro coabitavam vários tipos de classes sociais.

dada mais atenção às questões culturais, após uma primeira fase de maior investimento na estabilização económica do país.”³⁷

Na década de 40 era urgente uma solução imediata ao problema habitacional com o grande aumento populacional na cidade, a solução estava na construção de bairros sociais possibilitando rendas mais baixas e realojando estratos sociais inferiores. Maria Tavares escreve sobre o problema habitacional na cidade:

“Quando em 1946, face às novas proporções das questões sociais, [...] abre-se uma nova porta à resolução do grave problema habitacional que se faz sentir em Portugal. A nova legislação, conduz à permissão de Federações de Instituições da Previdência Social, para a realização de *obras sociais*, nomeadamente a construção de «Casas Económicas».” (Tavares, 2010, p. 3) ³⁸

Alvalade vem na sequência da política – urbana de expropriação de terrenos que tinha como o objetivo libertar o solo para que o desenvolvimento urbano da cidade resultasse: João Costa (2010, p. 17) refere “Lança-se desta forma um vasto programa de expropriação de terrenos que durará vários anos, no meio de fortes protestos dos proprietários, que só a consolidada do regime levou de vencida.”³⁹

O bairro tem continuidade com o modelo de arquitetura do Estado Novo, com edifícios públicos que transmitiam o poder do Estado. Os edifícios de habitação eram inspirados em modelos de casas tradicionais portuguesas. Com o primeiro congresso de arquitetura foi debatido e pôs-se em questão a arquitetura nacionalista do Estado Novo. Neste congresso houve também uma reflexão sobre o modernismo surgindo daí vários projetos relacionados com este estilo como foi o exemplo o Bairro das Estacas realizado no Bairro de Alvalade. João Costa escreve sobre o congresso:

“O ano de 1948 marca a realização do I congresso Nacional de arquitetura, o qual marcou a viragem da postura de muitos profissionais e o início da condenação sem rodeios à arquitetura do regime.

Este momento de charneira no partido estético das novas gerações da classe dos arquitetos vai-se revelar determinante daqui para a frente, marcando uma tentativa de retorno ao movimento moderno, mas desta vez contra a vontade do Estado.

³⁷ O Bairro de Alvalade surge numa nova etapa dentro da política de habitação social do Estado Novo.

³⁸ A população nesta altura aumentara para o dobro, agravando-se as condições de vida dentro da cidade.

³⁹ Com expropriação de terrenos eram criadas as condições necessárias para o avanço urbano da cidade. O Bairro de Alvalade surge numa nova etapa dentro da política de habitação social do Estado Novo.

Particularmente, a partir desta data vão desenvolver-se vários projetos de carácter modernista, nomeadamente o Bairro das Estacas, a Av. do Brasil e a Av. EUA.“ (Costa, 2010, p. 21)⁴⁰

2.1. MALHA DO PLANO DE URBANIZAÇÃO DE ALVALADE (PUA)

O plano realizado por Faria da Costa em 1945 é mais um encaixe na malha do PDUL. O bairro com uma área de 230 ha é estruturado por vias viárias que fazem também o limite do plano. Como o plano de Groer o PUA surge da reestruturação das artérias principais preexistentes e propostas. O plano tem como vias limites a norte a Av. do Brasil, a sul a Linha Férrea, a nascente e poente a Av. Gago Coutinho e o Campo Grande respetivamente tendo como via de atravessamento e proposta pelo PDUL a Av. dos Estados Unidos da América (Av. EUA). O PUA fica assim definido tal como PDUL por uma matriz urbana constituída pelas artérias principais criando assim uma continuação urbana com o plano de Groer. O plano tem também como sistema organizativo a “unidade vizinhança”, propondo relações urbanas nas diversas partes do bairro. Maria Alegre escreve sobre o PUA:

“O primeiro estudo de urbanização para a “zona a sul da Av. Alferes Malheiro “,de autoria do Arq. Faria da Costa, ficou concluído em 1942. A necessidade de adaptar o plano aos novos conceitos de cidade prevalecentes, baseados na “unidade de vizinhança”, obrigou à revisão do estudo inicial. O plano geral foi aprovado pelo governo em 24 de Outubro de 1945. Estes estudos e respetivo plano – todos da autoria de Faria da Costa enquadram-se, como já se referiu, no esquema estruturante da cidade proposto no PDUL, dando continuidade e integração à zona compreendida entre o Campo Grande e o Areeiro.” (Alegre, 1999, p. 21, 22)⁴¹

O Bairro ficava situado numa zona de terrenos rurais, com pouca inclinação, criando assim boas condições para a construção de uma malha regular e para a progressão do PDUL. Maria Alegre (1999, p. 22) cita, “Esta nova zona de expansão da cidade para Norte, de localização geográfica privilegiada, possuía características geomorfológicas adequadas à função prevista com terrenos com pouco declive e desníveis pouco acentuados.”⁴²

O bairro é constituído por habitação com vários tipos de rendas sendo o seu valor de acordo com estrato social a realojar. Assim dos 45 000 habitantes do bairro, 31 000 ficavam em casa de rendas económicas, 9 500 em casas de renda não limitada, 2 500 moradias com rendas não limitadas e 2 000 em moradias de rendas económicas. Realojando vários tipos de estratos sociais eram organizados no plano segundo o

⁴⁰ O Bairro de Alvalade tinha um variado tipo de projetos de arquitetura na maioria relacionados com modelos tradicionais, sendo o Bairro das Estacas umas das várias exceções.

⁴¹ O PUA faz parte de um dos avanços urbanos para norte do plano de Groer.

⁴² O bairro estava situado numa zona da cidade, com boas condições para expansão do PDUL.

nível de rendas. Nas vias principais e de maior relevo no plano, situava-se as classes mais altas com maior valor de renda, enquanto nas vias secundárias e de menor relevância ficavam distribuídas as classes mais baixas com rendas inferiores. Maria Alegre escreve sobre a organização do PUA em relação às rendas:

”A organização do PUA contemplou terrenos destinados à construção de CRE a par de edificações não sujeitas a limitações de rendas. A combinação de diversas habitações com categorias sociais diferentes tornou-se essencial para assegurar a viabilidade económica do plano, através da valorização dos terrenos destinados às habitações de maior categoria. A “coexistência de habitações de diversas categorias sociais “é essencial evidente, na medida em que são reservadas as artérias principais para as construções de maior renda; o caso das rendas económicas, as diferentes categorias sociais é distribuído consoante a importância do arruamento. ” (Alegre, 1999, p. 22) ⁴³

O bairro apresentava uma autonomia com o resto da cidade integrando zonas com comércio, zonas para habitação, indústria, equipamentos, ou espaços verdes. O PUA organizado pelas vias viárias criava uma trama com espaços vazios onde se integraria os vários núcleos habitacionais ou células. Tal como o plano da cidade que através de uma extensa malha construída através das linhas viárias, deixando o seu interior para a construção das urbanizações da cidade. No interior das células do bairro os edifícios organizavam-se em redor de um equipamento com uma distância das habitações de 500 m de raio, sugerindo percursos sem automóvel. O plano tal como o PDUL criava zonas específicas para as várias áreas de função do bairro. Maria Alegre fala da organização do PUA:

”A par desta “integração social” expressa nos objetivos do plano, este previa igualmente, uma “integração urbana” materializável numa multiplicidade de equipamentos coletivos, de serviços e determinados setores produtivos, a uma escala local, integrando toda a área a urbanizar. A área é compartimentada por uma rede de vias principais, atuais Av. dos Estados Unidos da América, Av. da igreja, Av. De Roma e Av. Rio de Janeiro, que subdividem a totalidade da área em oito células, formando “unidades de habitação” distintas. A unidade de habitação constituída por cada uma das oito células tem como elemento central a escola primária, em torno da qual se distribuíam as habitações. A dimensão média de cada foi fixada de forma a não serem excedidos 500 m de distância das habitações à escola. ” (Alegre, 1999, p. 23)⁴⁴

O plano da cidade vem no seguimento da resolução do problema habitacional, devido ao acréscimo de população que sucedeu em Lisboa nos anos 40. O PDUL através de uma malha estruturante reorganiza as partes antigas da cidade como cria novos espaços para urbanização. Alvalade é um desses novos núcleos urbanos do plano da cidade, constituído também por uma trama urbana, criando continuação com o PDUL. O bairro apresenta um contexto urbano diferente dos bairros sociais feitos até então,

⁴³ O plano organizava a população de acordo com o nível social de cada família.

⁴⁴ O PUA criava zonas para as diversas áreas de funcionamento.

que se baseavam em modelos rurais e sem integração com a cidade. Ricardo Zúquete refere sobre o PUA:

”O Bairro de Alvalade marca a última extensão do *ensanche* do princípio do século, com forte presença do contexto económico, político e cultural da época, o que permite outro tipo de leitura e de uma inovadora postura perante o problema da habitação social. Alvalade surgia como remate das avenidas novas e por isso formava a continuidade por oposição às anteriores intervenções sempre relegadas para um plano à margem de Lisboa, com pequenos recantos de cidade-aldeia.” (Zúquete, 2000, p. 54)⁴⁵

O Plano de autoria de Faria da Costa tem várias influências estrangeiras como é exemplo bairro de Radburn. Sugerindo com uma nova opção urbana na cidade podendo assim realojar classes mais altas que não se integravam nos moldes dos anteriores bairros sociais. O bairro vem no seguimento das políticas do Estado que se baseavam na expropriação de terrenos no solo de Lisboa, tendo o apoio financeiro de entidades privadas. Ricardo Zúquete escreve sobre o bairro:

”Era uma versão menos positiva e mais urbana do modelo de Radburn. O lugar ideal para atender ao alojamento de uma nova burguesia que não podia aceder ao programa de bairros económicos [...] Alvalade era o lugar ideal para o ensaio de uma grande operação conjunta entre o município [...]” (Zúquete, 2000, p.54,55)⁴⁶

Como principal mudança introduzida no bairro foi a integração de edifícios coletivos, deixando de vez o modelo anterior baseado em casas unifamiliares e em modelos urbanos de princípios rurais. Os edifícios de baixa altura redefiniam, com uma organização tradicional, o traçado das avenidas e ruas secundárias do plano. Nas traseiras situava-se os logradouros que resenhava também a morfologia do edifício criando espaços públicos como também zonas rurais para trabalhos agrícolas provocando assim uma rotura com a proposta urbana do bairro. Ricardo Zúquete fala sobre Alvalade:

”A mais importante inovação, seriam os núcleos coletivos de renda económica com a presença determinante na definição do caráter social do bairro, por oposição à solução da estrutura de pequenas casas individuais, agrupadas em torno da escola ou igreja [...] Em torno das avenidas do bairro, apareciam singelos prédios de 4 pisos [...] perpendiculares às avenidas saíam ruas que delimitavam os quarteirões, compostos por 3 pisos, que redefiniam a escala da rua e compunham um ar ainda menos festivo dos edifícios de remate voltados às avenidas. No interior destes quarteirões cada fogo tinha por direito uma parcela de terreno para trabalhar a terra, sendo o acesso ao interior destes quarteirões feito por frestas, que resultavam do afastamento de dois dos edifícios que compõem a frente do quarteirão. Passada esta fachada urbana, entrava-

⁴⁵ O plano de Alvalade é constituído por uma malha estruturante, tal como o PDUL, existindo assim uma integração com a cidade de Lisboa.

⁴⁶ A construção do bairro teve o apoio do município e de diversas entidades.

se num território de parcelas retangulares de terrenos de trabalhadas como hortas [...] bem no centro do bairro modelo da capital de Imperio. ” (Zúquete, 2000, p. 57)⁴⁷

Mesmo assim Alvalade não deixa de conter as ideias do regime, e se abandono os modelos rurais que caracterizavam os anteriores bairros sociais com uma escala urbana de cidade – aldeia, passava agora para uma escala de cidade-vila, recriando a mesma organização urbana que caracteriza as vilas tradicionais portuguesas. Alvalade dava continuidade às ideias do Estado Novo, baseadas na casa tradicional portuguesa. Ricardo Zúquete escreve sobre o bairro:

”Do conceito salazarento de cidade-aldeia, tínhamos passado para a cidade-vila. As vilas portuguesas, na sua rua principal edifícios com 3 e 4 pisos, comércio, escola e por vezes algum equipamento social, o conforto de uma vila urbana tranquila, sempre com a forte presença da terra, que os valores nacionalistas enalteciam [...] Alvalade, era um berço de valores da casa portuguesa no centro da moderna Lisboa. Esses valores, ultrapassavam a dimensão da casa e da tipologia, para a escala urbana, transformando o bairro numa grande “casa portuguesa” num amável pedaço de cidade.” (Ricardo Zúquete, 2000, p. 57, 58)⁴⁸

O bairro ficava situado numa zona privilegiada da cidade, tendo espaços vizinhos de todo o tipo como por exemplo a zona verde do Campo Grande, o aeroporto ou zonas de cidade já construída. Com um desenho um regular em toda área o traçado do plano parte de via proposta pelo PDUL (Av. EUA) e por vias criadas de novo (Av. de Roma, Av. da Igreja, Av. Rio de Janeiro). Margarida Accaiuoli escreve sobre Alvalade:

Acrescidas à circunstancia de estar praticamente envolvida por área já urbanizadas, conferiam – lhe qualidades de predestinação de utilização imediata. A vizinhança de grandes espaços livres, nomeadamente o aeroporto e o jardim do Campo Grande [...] Esta espécie de pequena cidade circundada pela rede viária, como vimos, a limitava era compartimentada pela Av. EUA (já prevista na planificação de Duarte Pacheco) e por 3 vias de trânsito local criadas pelo plano [...] (Accaiuoli,1991,p 362, 363)⁴⁹

⁴⁷ A habitação coletiva foi utilizada nos países da Europa com o pós-guerra na tentativa de resolver o problema habitacional para grandes massas populacionais.

⁴⁸ A “casa portuguesa” era o modelo da arquitetura do Estado Novo.

⁴⁹ O bairro estava localizado numa zona de fácil expansão para o PDUL.





Ilustração 6 - fotografia aérea do Bairro de Alvalade, 1953. (Nunes, 1953).

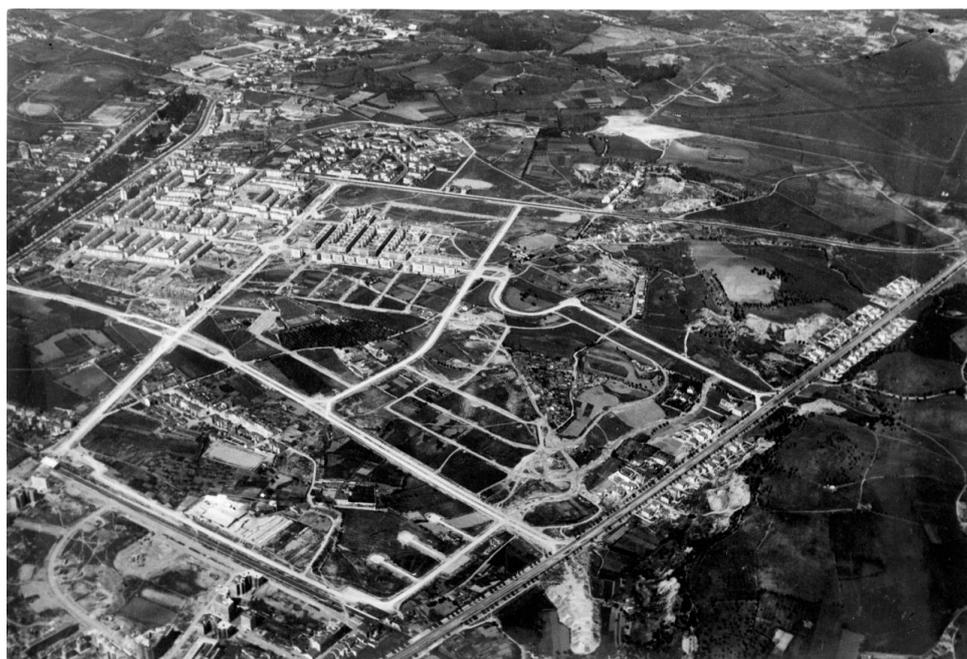


Ilustração 7-Fotografia aérea do Bairro de Alvalade, 1950. (Lisboa, 1950).

3. BAIRRO DAS ESTACAS

O projeto do Bairro das Estacas faz parte da 2ª geração da modernidade em Portugal sendo um projeto emblemático deste movimento, realizado em 1946. Realizado pelos arquitetos Ruy Jervis d'Athouguia e Formosinho Sanches, estes acreditavam mais que tudo na arquitetura moderna. Com inspiração na arquitetura moderna brasileira acreditavam na justiça social, não tendo contudo nenhuma opção partidária. Era através da modernidade que demonstravam todo o seu valor com um projeto de habitação social. Ricardo Zúquete escreve sobre o Bairro das Estacas:

O Bairro das Estacas foi o primeiro testemunho da transição da arquitetura portuguesa para a nova modernidade. Para além de outros teve o mérito de dar o exemplo a vários projetos, que viram a marcar a história difícil e longa, dessa arquitetura moderna e uma geração de talento e perseverança.

Athouguia e Formosinho Sanches eram exemplo dessa geração. Com uma consciência social aguda, sempre na defesa da modernidade, ativos participantes de um contexto cultural, social e político, que já vimos era através da sua arquitetura que iriam testemunhar o seu postulado com a recente arquitetura brasileira.

Aparentemente sem cargas ideológicas ou políticas, era a defesa da modernidade e agora inevitável pelo seu sentido de justiça ou dever social, que definiu a postura desses autores e que, inevitavelmente num projeto de habitação social. (Zúquete, 2000, p. 79)⁵⁰

A arquitetura Brasileira nesta altura demonstrava grande valor, respeitando os princípios modernistas da Carta de Atenas e de liberdade. No entanto esta liberdade na arquitetura Brasileira, tinha em Portugal um cenário oposto, nesta altura eram pouco os projetos modernistas. Entre Portugal e o Brasil sempre houve ligações muito estreitas, na arquitetura aconteceu o mesmo, desde os materiais, técnicas construtivas, arquitetura ou modelos urbanos. Nesta altura os arquitetos modernos brasileiros voltavam a reinventar a arquitetura brasileira de expressão portuguesa. Ruy d'Athouguia recuperava também esta ligação dos dois países com um projeto com influências na arquitetura brasileira. Havia por parte destes arquitetos portugueses disponibilidade em dar seguimento ao modernismo, num país que parecia ter parado no tempo, agarrado aos princípios tradicionais que o Estado Novo defendia. Ricardo Zúquete cita sobre a influência da arquitetura modernista brasileira no Bairro das Estacas:

[...] na sequência da exposição moderna de arquitetura brasileira em 1943, chega às mãos de alguns em Portugal, divulgando as forças da arquitetura da liberdade da aplicação dos messiânicos princípios de Le Corbusier, com o talento e vigor de uma

⁵⁰ O Bairro Estacas foi um projeto marcante no modernismo em Portugal.

brilhante geração de arquitetos brasileiros.”Uma lição de uma noção perfeita da união de princípios estruturais com o equilíbrio estético” [...]

A liberdade dessa arquitetura, contrastava com o compromisso de uma liberdade aparente, que em Portugal não permitia grandes gestos, só pequenas e controladas intervenções.

A disponibilidade para aplicar os princípios Corbusianos sem qualquer constrangimento contrastava com a gestão de um compromisso entre as vontades da nova arquitetura e os receios do velho regime. Para além de uma vontade de uma geração, de prosseguir com o seu talento os dogmas do *novo* modernismo, parecia mais nada haver em comum estas duas realidades tão distintas, de um país envelhecido e outro cada vez mais novo. (Ricardo Zúquete, 2000, p. 79, 80)⁵¹

O Bairro de Alvalade devido à sua dimensão acaba por deixar alguns sítios um pouco esquecidos apenas organizados segundo uma malha. O Bairro das Estacas era um local desses, situado na célula 8, um pouco perdido em mais uma das células do Bairro de Alvalade que representava a arquitetura ideal do regime. O local era definido a norte pelas traseiras da Av. EUA, e a sul pela linha férrea, consideradas zonas adversas, os edifícios aparecem perpendiculares a estas zonas. Os edifícios integram-se e dão continuidade ao Bairro de Alvalade de uma forma moderna. Os quatro blocos estão assentes sobre *pilotis*, estando separados por espaços verdes permitindo um variado tipo de caminhos pedonais. O Bairro das Estacas reinventa a geometria da malha do plano de Alvalade, geometria que depois é repetida por todo o projeto desde desenho urbano, alçado, fogo, sugerindo uma linguagem articulada. Os logradouros de espaços verdes contrastam com a geometria linear dos blocos, mantendo a mesma organização articulada. Alvalade deixava em definitivo o aspeto rural dos bairros anteriores, apresentando-se um bairro moderno com uma forma nova de viver a cidade e de a habitar, afastando-se do aspeto rural, que caracterizava os anteriores bairros de ideologias fascistas. Alvalade continha com o Bairro das Estacas um novo projeto com uma abordagem diferente e inovadora, em relação à generalidade do bairro realizando um novo lugar e uma nova forma de habitar. Ricardo Zúquete escreve sobre o local de integração do projeto das Estacas:

”A célula 8 era um desses sítios, dentro de um grande lugar de formas anónimas que quase sem limite se entendiam pelas suas ruas, fechavam quarteirões e se definiam alinhamentos, compondo o plano de Groer. Era como um grande “corpo sensível” testemunha de memórias e outras vontades, mais presentes, na organização de um lugar que representava o espaço urbano ideal.” (Zúquete, 2000, p. 82)⁵²

⁵¹ A arquitetura portuguesa envelhecia com ideias fechadas do Estado Novo em oposição com moderna arquitetura brasileira.

⁵²Devido à sua grande extensão o plano de Alvalade deixa alguns locais sem ligação, o Bairro das Estacas era um desses locais.

Na parte nascente do bairro surge a Rua Teixeira Pascoais que faz ligação com Bairro de Alvalade. De um lado da rua os edifícios apresentam a mesma cêrcea e doutro lado surge uma zona com espaço verde. O bloco faz continuidade com o edifício preexistente mantendo a mesma cota e criando um contraste urbano com a zona verde no outro lado da rua. O bloco no R/C contém o ritmo modular dos pilares com uma zona de comércio. A fachada é também marcada por ritmos modulares através de grandes varandas e estrutura aparente que delimitam os fogos propondo uma linguagem articulada. A Rua Antero de Figueiredo é marcada pelo atravessamento do bairro, permitindo um variado tipo de percursos. Os quatro blocos perpendiculares à linha férrea estão assentes sobre *pilotis* e de nível sobressaindo a imagem linear dos edifícios em relação ao terreno ligeiramente desnivelado. Esta linguagem geométrica e modular contrasta também com o espaço verde dos logradouros. Os edifícios com uma linguagem moderna integram-se no Bairro de Alvalade mantendo a mesma cota. Na Rua Antero de Figueiredo o edifício a norte surge como limite norte entre o Bairro das Estacas e o Bairro de Alvalade concluindo nesta zona o conjunto urbano. Os blocos afastados pelos logradouros assentes sobre *pilotis* permitem-nos um variado tipo de percursos, conhecendo-se os vários tipos de linguagem modulares que o edifício nos oferece. Na Av. Frei Miguel Conteras a sul é definida pela linha férrea, assim os edifícios surgem na perpendicular à linha do comboio e com fachadas cegas na tentativa de defesa do edifício com a rotura. O Bairro das Estacas propõe uma linguagem contínua e articulada num local definido entre a adversidade da linha férrea e o bairro tradicional. A ideia que temos do local surge um edifício com um desenho urbano contínuo, articulado, rodeado de um território disperso por quarteirões com uma organização tradicional que criam uma cidade sem ligação urbana: Ricardo Zúquete fala-nos sobre o local:

”No sentido descendente da Rua Teixeira de Pascoais, a nascente do bairro principiava o cerramento do quarteirão de uma área já consolidada do Bairro de Alvalade, com o primeiro edifício do lado direito, a definir a continuidade da frente de rua, em frente de uma área ajardinada para futura construção de equipamentos de apoio. O espaço da rua aparece contido entre um talude ajardinado e o piso térreo recuado, a 4,20 metros, oferece uma área de comércio, coberta sobre o avanço do edifício, pontuada com a presença dos *pilotis*. Nos restantes pisos surge uma estrutura, que frontal em relação à rua, esconde o espaço interior das casas com varandas de grandes espaços. Para além da galeria de comércio que oferecia à rua, o edifício marca agora outro ritmo, sincopado na definição de elementos estruturais verticais que marcam a definição dos fogos e os horizontais que compõem o bloco e a continuidade da rua.

Cruzando a Rua Antero de Figueiredo, limite norte do bairro, o comércio que existia na galeria é substituído, por grandes aberturas, que sugerem percursos visuais e oferecem percursos pedonais alternativos. O primeiro bloco dos quatro centrais que compõem o bairro está de nível não acompanhando o desnível da rua. Esta pequena

diferença de cota permite um grande controlo na contenção do espaço da rua que apesar de quebrada pela oferta de percursos de fuga naturais que prosseguem com a transição da cidade linear de Alvalade, para os modernos princípios do bairro, é sabiamente recuperado pelo desnível na implantação do edifício e a diferença de cota entre o percurso da rua e o limite dos espaços verdes entre os blocos, ainda a uma cota superior.

O percurso ao longo da Rua Antero de Figueiredo, limite norte, faz também parte da transição entre Alvalade e o bairro. Entre a frente norte que prossegue com a galeria de comércio recuada sobre o edifício o espaço da rua, contida a norte nesse remate de quarteirão, à portada a sul, com presença lateral dos quatro blocos e o rosto das duas empenas. A rua alargada, como que para dar espaço ao confronto de duas atitudes, sítio de relação entre dois lugares. A rua deixa de ser um referente etimológico, espaço contido linear que configura a cidade virada para ela e passa a fazer parte de um limite de uma paisagem de edifícios, que definem uma semântica e sintáticas próprias [...] A sul a avenida Frei Miguel Conteras, paralela ao caminho de a ferro, é um eixo de ligação que passa pelo bairro e acentua a barreira que é o fosso e a passagem do comboio.

Os blocos aparecem laterais agora num esforço de transição ou como defesa à barreira imposta e à descontinuidade morfológica [...] a leitura do tecido urbano da cidade do outro lado do fosso, propõe uma articulação de um novo discurso com outro tradicional, em torno da própria rotura da morfologia e fragmentação do território. A marca de uma resposta articulada, também a partir do confronto com a realidade fragmentada. ” (Zúquete, 2000, p. 86, 87, 88)⁵³.

Os logradouros contêm o mesmo traçado retângular dos blocos. Os edifícios de 4 pisos tendo mais 1 piso duplex, mais ou menos com a mesma cota de altura do Bairro de Alvalade, integrando-se no enquadramento urbanístico do Bairro de Alvalade. O P.U.A. é caracterizado por longos corredores de ruas e de edifícios. No Bairro das Estacas a disposição urbana é diferente, existe alternância entre os edifícios, o espaço verde e a própria rua apresentando uma disposição articulada. O logradouro do Bairro de Alvalade fica nas traseiras dos edifícios, no Bairro das Estacas eles fazem parte do mesmo cenário urbano sendo um espaço público. Nos 4 Blocos os pilares, surgem de uma forma neutral aparecendo apenas como elemento de suporte ao edifício. Os pilares ao não deixarem o bloco tocar no chão, são como um reforço a toda a linguagem que o edifício contém, salientando os volumes. O edifício no alçado apresenta a estrutura à vista e grelhas nas áreas de serviço com influências da arquitetura brasileira, sugerindo um bloco forte e puro. Os elementos estruturantes à vista organizam o edifício com uma modulação, resultando um edifício puro, através de uma linguagem em que tudo se relaciona de uma forma contínua, dando-nos também a relação com o interior do edifício. As longas varandas, as janelas e as

⁵³ Os edifícios produzem uma proposta urbana compacta, articulada e com continuação com o Bairro de Alvalade.

grelhas definem o limite com interior, compondo também esta articulação modular que o edifício contém. Ricardo Zúquete escreve sobre o exterior do projeto:

”Sobre uma plataforma jardim de 172 metros por 146, então pousados quatro blocos de 138 metros de comprimento e 14 de largura. Com uma altura de 16 metros o espaço elevado que oferece o piso térreo tem 3,5 metros de altura. Equidistantes a 37 metros os edifícios de 4 pisos mais 1, prosseguem com a cota média de cumeeira da área envolvente de Alvalade, mantendo a densidade de construção. Contudo, e por oposição às ruas estreitas com longas frentes de edifícios a conter o espaço só rompido pelo atravessamento ocasional de outras ruas, o bairro separa os blocos a uma distância superior, de zona verde, um espaço contido pela presença das massa construídas ao mesmo tempo liberto pelas ligações entre e sobre os edifícios. As frentes de rua de Alvalade são também o limite de confrontação do espaço interior. À densidade desses quarteirões cerrados, maciços, e as suas áreas privadas de logradouro havia agora contraste de um outro lugar quarteirão sem traseiras, com os edifícios levantados do chão, a tocarem o céu da cidade.

Os blocos centrais levantados do chão nas áreas para acesso e finos pilares redondos. Esta forma não direciona, nem indica nenhum dos percursos ou atravessamento disponíveis, só uma presença tanto quanto possível, neutra umas “estacas” [...] A estrutura laminar de suporte, configura a grande grelha desenha os blocos. Esta referência à moderna arquitetura brasileira era ainda reforçada pela solução dos *brise-soleil* que nas áreas de serviço completava a imagem de um edifício intransponível, poroso, onde o espaço entre os elementos estruturantes era cerrado com vidro.

A composição estruturante dos blocos por “blocos” que organizam o volume numa modulação regular entre elementos verticais e horizontais propõe um objeto poroso, onde o imediatismo de uma linguagem moderna [...]” (Zúquete, 2000, p. 88, 89,90) ⁵⁴

O projeto do Bairro das Estacas é realizado na década de 40. Nesta altura Lisboa vivia a arquitetura tradicional do Estado Novo que estava mais preocupado em fazer de Lisboa uma cidade capital de império. Adia-se a modernidade que era substituída pela arquitetura nacionalista que se debruçava mais em intenções e ideias políticas do que nos verdadeiros problemas urbanos da cidade. Mantinha-se a tradição e mais que tudo acentuava-se o poder do Estado. Ricardo Zúquete cita sobre a arquitetura do Estado Novo

”O Areeiro marca a transição na arquitetura portuguesa para o neotradicionalismo do Estado Novo, glorificando a cidade nova que construía [...] Porém deste monumento ao regime, surgia a primeira vontade de uma modernidade adiada e preterida a favor do nacionalismo forjado numa falsa tradição e num academismo superficial, mais dedicado ao reforço de uma ideologia do que às grandes questões da arquitetura. ” (Zúquete, 2000, p. 91) ⁵⁵

Na arquitetura portuguesa o espaço interno da casa sempre foi colocado como uma enorme divisão, com paredes que propunham a barreira com o exterior e as janelas

⁵⁴ O edifício no desenho urbano, alçado, estrutura e fogo sugere uma linguagem moderna e articulada.

⁵⁵ A arquitetura do Estado Novo afastava-se dos verdadeiros problemas da arquitetura.

criavam poucas relações com a parte de fora da casa. No Bairro das Estacas os aspetos decorativos e relacionados com o passado não tem relevância, sendo uma arquitetura com uma linguagem global, universal e moderna. Tal como na arquitetura brasileira, existe uma busca livre na melhor opção arquitetónica que confere um carácter plástico e moderno. O Projeto das Estacas parece haver um distanciamento em relação ao Bairro de Alvalade que estagnava na arquitetura tradicional portuguesa. Ricardo Zúquete fala da modernidade no projeto das Estacas:

”Tradicionalmente, a arquitetura portuguesa propusera sempre uma barreira determinada entre o interior e o exterior. O único espaço de transição, seria aquele que restava na passagem pelos estreitos vãos abertos nas grossas paredes de alvenaria de pedra ou taipa, sendo portanto claramente definido o limite e o contacto entre estes dois espaços. Por oposição à decoração e hierarquia de tipo simbólico, quase sempre estranha à experiência histórica da arquitetura portuguesa, a nova arquitetura moderna das Estacas, entendia as questões relativas à forma em termos globais, não estabelecendo hierarquias de ordem operativa e construtiva, mas de uma ordem moral [...] A negação do carácter representativo de valores do passado nesta arquitetura moderna é reveladora de um carácter que já não se representa, mas que “é”, na própria identidade moderna do edifício e simultaneamente tem dimensão universal. Como exemplo da moderna arquitetura brasileira, onde o carácter, com o critério compositivo académico, convivia com outros critérios modernos, era a busca de uma intencionalidade plástica na dialogia com o seu contexto específico que lhe conferia uma resposta estética alternativa. A relação entre o bairro tradicional de Alvalade e a proposta das Estacas, é de uma resposta que se articula em torno de uma fratura dialógica.” (Zúquete, 2000, p. 92, 93)⁵⁶

Os pilares no edifício não nos sugerem qualquer situação de percurso, tendo apenas a função de apoio do edifício, sendo um elemento estrutural imparcial, em oposto de outras arquiteturas em que costuma haver carga decorativa e simbólica. A zona de entrada é um espaço pautada pelos pilares e com uma escada sem elevador sendo o último piso duplex, teria que ter mais um piso para ter ascensor. A estrutura constituída por pilares e vigas organizam o interior como também o exterior definindo a composição modular do edifício, em contraponto com o edifício tradicional do Bairro de Alvalade. O jardim em saibro é um espaço com percursos, que sugerem o atravessamento entre os pilares do edifício. Os edifícios estão pintados com cores branco e cinzento produzindo um edifício puro e independente. A estrutura aparente que define a modulação do edifício está pintado a branco. No espaço de transição entre o exterior e o interior ficavam as longas varandas. As grelhas marcam as áreas de serviço. As janelas eram em caixilho em madeira. Sendo habitação de renda económica foram utilizados materiais e processos construtivos mais usuais. Ricardo Zúquete fala dos aspetos construtivos do projeto:

⁵⁶ No projeto das Estacas princípios decorativos e históricos não são relevantes, concretizando -se numa arquitetura global e universal através de uma proposta articulada.

”Os quatro blocos centrais são levantados do chão por um conjunto de pilares de betão delicados e neutros, cuja a função é simplesmente de suporte, sugerindo como uma peça de estrutura sem pretensão de conter, direcionar ou desempenhar outro papel no espaço sobre os edifícios. Ao contrario dos pilares fortes, matericos, que demonstravam a relevância do seu papel, tanto estrutural como simbólico, que definiam a obra de Le Corbusier da altura, ou o papel que os arquitetos brasileiros lhe conferiam para o desenho do espaço sobre os edifícios, estes pilares eram só “estacas” de simples suporte deixando a continuidade do espaço exterior fosse apenas marcada por passagens por de baixo de uma paisagem de edifícios [...]

A escada de betão principia por entre os pilares debaixo dos blocos, por entre um átrio envidraçado e uma pequena habitação de porteira. Sobre três andares, numero limite a partir do qual a lei obriga à construção de ascensor. O acesso ao último piso é interior a uma casa de duplo piso, que remata o topo dos blocos.

As lajes de betão e as paredes de alvenaria, são elementos horizontais, que em conjunto com os pilares que suportam, definem a estrutura construtiva e também espacial dos edifícios. Por oposição à fachada muro tradicional de Alvalade, esta estrutura praticada as lajes e os planos verticais que a desenham, definem a fachada como elemento que faz parte da estrutura construtiva e espacial e não como um gesto de composição, que sobre a estrutura, conferirá outra imagem ao edifício, com um claro vocabulário compositivo da estética moderna. O espaço jardim, prolonga-se sob os edifícios com caminhos em saibro, pavimentos em pedra calcária e cerâmica nas entradas. Os blocos são integralmente rebocados a massa com areia fina [...] modernas grelhas num vermelho escuro, num conjunto branco com os grandes espaços das varandas em ocre. Os elementos estruturantes, definidores da forma e do espaço dos edifícios apareciam a branco e sobre o chão ” [...]

Recuado das varandas, um conjunto de grandes caixilhos em madeira de casquinha pintada, cerravam o espaço interior e limitavam o espaço de transição da varanda, com o pavimento cerâmico idêntico às zonas que no piso térreo marcavam as entradas. O uso de materiais e técnicas correntes, fundamentais para a viabilizar um projeto de “casas de renda económica”. (Zúquete, 2000, p. 94, 95, 96)⁵⁷

Os quatro blocos são constituídos por três tipologias diferentes T1, T2, e T3. O T2 e T3 têm organizações muito parecidas sendo no último piso em duplex. Os fogos estão dispostos segundo a sequência esquerdo direito e tem uma escada comum de serviço não contendo elevador. Selecionando o T2 para análise, sendo a tipologia mais usado no Bairro. Na entrada para este fogo surge o *hall* que nos leva a uma cozinha, sala e à zona dos quartos. A cozinha com uma área de 6M², é constituída por uma área de lavagem de roupa que é marcada pela grelha. A sala ocupando uma área de 21M², com uma enorme janela, ocupando comprimento da parede dando acesso à longa varanda. Pelo *hall* podemos também ter acesso a uma zona de circulação mais privada constituída pela instalação sanitária e dois quartos. Nas zonas dos quartos as janelas ocupam também todo o comprimento da parede, havendo assim uma grande ligação com exterior, funcionando as varandas também como uma zona de estar. Os

⁵⁷ No projeto das Estacas os pilares surgem de uma forma neutral.

fogos propõem espaços funcionais, com áreas e proporções muito agradáveis.

Ricardo Zúquete escreve sobre o interior dos fogos:

”Nos quatro blocos do Bairro das Estacas, existem fogos de tipologias T1, T2 e T3. Sendo que o fogo T1 é meramente uma habitação de apoio para funcionamento do prédio, a tipologia T2 e T3, semelhantes na organização, são completadas pelo T2 em duplo piso no topo dos blocos.

Para este trabalho optou-se por considerar como caso de estudo a tipologia T2 [...] Os blocos organizam-se em esquerdo direito, a partir de acessos, escada e patamar sem elevador, recuados por de trás das grelhas da área de serviço. A lei obrigava na altura a que o último piso fosse servido por elevador, solução dispendiosa e incompatível com as casas de renda económica. A solução encontrada foi a proposta de um fogo em duplex nos 2 últimos pisos, com acesso a este último feita a partir do interior da casa.

A entrada sobre o *hall*, com acesso à área de serviços logo à direita, outro acesso em frente para a sala e por fim, e sobre a esquerda, o acesso à área dos quartos. A cozinha de escassos 6M2 é contudo prosseguida com uma área semi-interior de lavagens protegida pelas grelhas, que marcam nos blocos os serviços e acessos. A sala, e todo o resto do fogo, tem um pé direito contínuo de 2,80M cota que não respeitava o mínimo e que veio a ser motivo de alteração do regulamento vigente. Com uma área aproximada de 21M2, rematada por um largo vão de janela de peito aberto sobre a varanda até 2,50 M de altura. O acesso ao exterior é feito por uma porta, oposta à entrada da sala, sugerindo um percurso diagonal de distribuição entre os dois espaços do mesmo espaço e um acesso à última das áreas sociais da casa.

Depois do *hall*, há o acesso à área mais íntima, que se articula a partir de um espaço de distribuição, para o qual se abrem uma instalação sanitária e os dois quartos. O acesso à varanda dos dois quartos, bem como o esquema de cerramento é idêntico ao já referido da sala, sendo contudo o espaço exterior partilhado pelos dois, tornando assim possível uma comunicação exterior.

A organização da área do fogo, as dimensões e percursos sugeridos propõem uma organização, funcional e dentro dos limites da área propostas, exemplar. ” (Zúquete, 2000, p. 96, 97, 98,) ⁵⁸

A casa de Raul Lino e desenvolvida por Paulino Montês nos seus projetos, o seu interior ligava mais ao aspeto funcional e tradicional que caracterizava casa tradicional portuguesa. Era uma casa que cumpria os princípios que o Estado Novo pretendia, sendo barata e funcional, mesmo assim o Bairro de Alvalade é um grande passo na modernidade e na habitação portuguesa. Nos edifícios das Estacas no interior o fogo é organizado também de uma forma tradicional, igual aos modelos de Montês, não deixando de ter a inovação de duplex, já que nunca se tinha realizado este tipo de tipologia em habitação económica. Do exterior moderno que caracterizava o edifício passava-se para o interior tradicional que fazia parte integrante da arquitetura portuguesa. Ricardo Zúquete escreve sobre a tipologia do Bairro das Estacas:

⁵⁸ Por motivos económicos os edifícios não tinham elevador e sendo assim o último piso constituído por duplex.

”Paulino Montêz desenvolvera para varias obras citadas, soluções a partir da “ casa portuguesa” de Lino, paradigma que se acreditava cumprir os desejos dos que “sonhavam” com a casa. As tipologias que desenvolveram, pouco passam de resoluções de um formulário funcional e de acordo com a ideia do funcionamento da “ família portuguesa”, sempre de acordo com a sua modéstia, frequentemente confundida com a pobreza, e que se constituíam com um género de texto arquitetónico aceite num diálogo onde vários interlocutores cumpriam o ideário de família portuguesa.

Este modelo apesar de representar o nacionalismo vigente, era de facto funcional e barato na sua economia de meios não propondo mais do que isso. Apesar de isso o Bairro de Alvalade e o modelo de Montêz era um grande avanço e marca de uma modernidade no programa português de habitação.

Aqui dentro dos modernos blocos, a organização era de um fogo tradicional, como outro de Montêz ou tantos outros que constituíram Alvalade, e isto apesar de se aplicar pela primeira vez a tipologia duplex na habitação social. A modernidade no desenho do edifício faz a transição para um interior que prossegue um modo de estar da família portuguesa, que persiste ainda segundo ensaio do modernismo em Portugal. ” (Zúquete, 2000, p. 98, 99)⁵⁹

A modernidade tem como definição novas relações espaciais, novas abordagens no edifício, onde a estrutura surge à vista, com enormes aberturas, plantas com uma grande liberdade espacial e com um desenho urbano uniforme, surgindo assim com critérios mais livres. Na arquitetura portuguesa o interior é tratado de uma forma muito reservada onde as paredes deixam poucas aberturas para o interior. No projeto das Estacas as grandes janelas e varandas criam um espaço de transição com o interior com uma linguagem moderna, quebrando pela primeira vez a barreira com o espaço interior. A varanda surge assim como um novo espaço transitório para o interior, compondo também a modulação e os ritmos do edifício. O modo como o edifício é modulado com estrutura à vista, de fachada transparente, salientando a expressão dos materiais ou a sua integração urbana é feita de uma forma moderna e perfeita. No interior perde-se o raciocínio espacial livre e moderno, como também os ritmos e a linguagem modular que o edifício apresenta no exterior, passando a ter uma organização tradicional. Ricardo Zúquete cita sobre a modernidade:

”A modernidade, se entendia como a relação estrutural, entre a estrutura espacial e a sociedade, tão bem expressa nos manifestos da arquitetura moderna, com planta livre, a fachada transparente, a estrutura à vista e a uniformidade e igualdade de características do “anti - espaço moderno” era a representação de um cenário urbano num lugar ou palco para atender espetadores [...] A arquitetura portuguesa constrói um espaço interior contido, cercado entre muros, deixando só algumas aberturas, muitas vezes, celebrados com cantarias em pedra, no seu contacto e acesso ao exterior. As largas janelas e amplas varandas sugerem, e pela primeira vez uma mudança. O peito

⁵⁹ Do exterior moderno, o fogo no seu interior tinha uma organização tradicional.

das janelas e viga em cima, definiam as alturas para a largura total dos vãos. São elementos que definem e contem o espaço, contrariados pela grande abertura sobre o jardim e o céu [...] Os elementos estruturantes que configuram a resposta estética de uma proposta moderna, com fachada transparente e a configuração modular de um objeto igualitário, era a proposta de um cenário urbano perfeito de modernidade, e até no diálogo entre o texto que prosseguia Alvalade [...] No interior, no lugar do corpo ator, perdia-se a planta livre e com isso comprometia-se os conceitos gerados de todos os fundamentos sociais e éticos de uma proposta moderna.” (Zúquete, 2000, p. 101, 102)⁶⁰

Os materiais usados eram os mais utilizados para a época. Para habitação social era muito boa a qualidade construtiva, mantendo as técnicas mais comuns. Os blocos surgiam assim a cor branca dando ao edifício um ar puro e independente diferente das cores pálidas dos edifícios do Estado Novo. No Bairro de Alvalade ficava adiado um avanço mais forte de urbanidade com edifícios com uma arquitetura tímida, com hortas nas traseiras lembrando os ambientes tradicionais do país. Ricardo Zúquete escreve sobre Bairro das Estacas:

”Os materiais empregues nas casas e acessos eram os correntes em construção deste tipo [...] tratando-se de “casas de renda económica”, a qualidade de construção é exemplar revelando o controlo das técnicas tradicionais e sua qualidade [...] O branco era a cor dos blocos, que substituíam as cores pardas da arquitetura do Estado Novo. No bairro de cores cinzentas e desaparecidas, os quatro edifícios das “estacas”, desprendiam-se brancos, num regresso à cor caiada tradicional ou de um purismo de uma nova, e que se queria livre arquitetura.” (Zúquete, 2000, p. 102, 103)⁶¹

3.1. MALHA DO BAIRRO DAS ESTACAS

O Bairro das Estacas é um projeto emblemático da modernidade em Portugal, com começo em 1946. Existe no Bairro das Estacas a tentativa de construir novas situações urbanas, novas organizações de espaços, etc. Estas situações eram baseadas no funcionalismo e nos princípios do modernismo. Ruy d’Athouguia e Formosinho Sanches acreditavam mais que tudo na modernidade e na justiça social. Havia por parte destes arquitetos uma grande vontade em usar os novos conceitos de Le Corbusier, um tema que estava posto de lado por parte do regime do Estado Novo. Ricardo Zúquete escreve sobre o modernismo no projeto das Estacas:

” A habitação coletiva, principiava assim, e também em Portugal, a desenvolver e a amadurecer os princípios modernos do funcionalismo, ensaiando novas relações urbanas, outras distribuições de acesso, inovadoras organizações dos fogos, tendo

⁶⁰ Uma das inovações do bairro foi retratada a ligação do interior do edifício e o seu exterior.

⁶¹ Os 4 blocos pintados a cinza e branco produzem uma arquitetura pura e independente.

sobre uma “crença ingênua no poder transformador da arquitetura”. (Zúquete, 2000, p. 79)⁶²

Influenciados pela arquitetura brasileira, um país livre com muitos projetos de arquitetura modernista. Em Portugal passava-se o oposto eram raros os projetos relacionados com este movimento. Portugal levou para o Brasil a organização urbana das suas cidades e vilas. Athouguia recuperava também esta ligação entre os dois países com um projeto do traçado urbano de inspiração na arquitetura moderna brasileira. Ricardo Zúquete escreve sobre a influência no projeto das Estacas:

”A base da civilização brasileira, construída com a portuguesa, amaciada pelo o seu clima e referencias indígenas, via as suas vilas ou cidades sendo construídas segundo modelos que compunham o brasil urbano desde o séc. XVI até ao final do séc. XIX. O estilo português adaptava-se tão bem ao lugar brasileiro, que o seu desenho, estrutura urbana e métodos construtivos constituíram-se icónico até depois da independência, até serem reutilizados que agora compunham essa expressão tão própria.

As memórias da cultura brasileira eram muito nossas, até nos materiais com que se construía o segundo processo ancestrais portugueses e depois brasileiros. Essas memórias eram sabiamente recuperados por uma impressionante geração de novos arquitetos, para dar expressão à sua arquitetura, ultrapassando os limites de uma ainda fraca industria, fraqueza compensada pela força das suas convicções. Até aqui esta podia ser a descrição dos anos 50 em Portugal e para completarmos teríamos de dizer que foram anos de compromisso, poucas oportunidades e pouca liberdade. Se fosse a descrição dos mesmos anos no Brasil, teríamos de dizer que foram anos de oportunidade na aplicação dos modernos princípios do CIAM e sobretudo de Le Corbusier em grande escala, de talento de uma arquitetura de grande liberdade que impressionava o mundo. Os autores do Bairro das Estacas em tudo se reviam na nova arquitetura do Brasil, só tinham um compromisso com a falta de liberdade. “ (Zúquete, 2000, p. 80, 81)⁶³

O Bairro de Alvalade devido à sua extensão deixava alguns locais esquecidos e organizados apenas pela trama do P.U.A. O Bairro das Estacas é um desses locais. No plano de Alvalade havia assim lugar para um novo projeto de arquitetura situado na célula 8. Um plano que se relacionava com as ideias tradicionais que o regime defendia. Ricardo Zúquete refere sobre o local:

”Alvalade era um grande recipiente em constante definição como lugar e como limite de corpo continente, de todas as formas e todos os limites que fizeram lugar. Um berço que recebe todas as coisas e participa do inteligível.

A sua construção deixava alguns sítios perdidos, configurados só pelos limites de outras coisas e pela ausência de construção que eram oportunidade de afirmar a nova

⁶² Com o modernismo surgem novas abordagens urbanas.

⁶³ A base da arquitetura brasileira tinha modelos urbanos portugueses.

arquitetura no lugar da grande afirmação do regime, que fora o Bairro de Alvalade e os seus programas de habitação. “ (Zúquete, 2000, p. 81)⁶⁴

O bairro surge na parte de trás da Av. EUA uma das avenidas principais do P.U.A. A sul situava-se a via-férrea uma zona considerada de rotura. A proposta no entanto do Bairro das Estacas surge com continuidade com o Bairro de Alvalade e perante a rotura os edifícios apresentam-se na perpendicular com fachadas cegas, como que se defendendo da adversidade da linha férrea. Ao localizar-se perante estas adversidades que caracterizava o local, não deixa de haver continuidade, apresentando uma proposta moderna sem rotura com o lugar. O desenho urbano do projeto das Estacas parte da geometria da matriz do PUA. A distância modelar entre os edifícios é repetida a trama geométrica do PUA, através de um traçado urbano articulado e moderno. Esta geometria é depois reproduzida em todo o desenvolvimento do projeto (alçado, fogo, etc.). Ricardo Zúquete escreve sobre o traçado urbano do Bairro das Estacas:

”Um sítio, entre o limite da barreira do eixo ferroviário, e as traseiras de um principal eixo viário, que sozinho cruza o percurso do comboio. Um sítio que hesita entre o prolongamento de uma frente rua virada para o comboio e a continuidade do bairro, ou uma rotura para um espaço moderno que não seja indiferente ao lugar.

Os autores optam por completar o quarteirão com edifícios em banda, que iria conter esse sítio de hesitação contra a falha na continuidade do bairro. É a definição de um “corpo continente” ou um lugar dentro do lugar de Alvalade.

Perpendicular ao eixo viário, posam quatro blocos sobre *pilotis*, orientados nascente/poente, sobre uma grande plataforma verde que permite o atravessamento de percursos pedonais e outros enfiamentos visuais.

O espaço preparatório, que retrata a cidade em volta, tinha tornado num recetáculo para os quatro blocos, que aparentemente autónomos, conferiam um caráter concreto e articulado a um espaço contido por várias formas, mas com um só limite.

O Bairro das Estacas redesenha a morfologia contínua da cidade linear que propõe Alvalade. Uma relação semelhante entre os edifícios, as suas cêrceas e distanciamento, modulação de fachadas, que se prolongam frente a frente, mas agora sobre um jardim com generosas varandas e janelas de sacada, a oferecer um espaço entre o interior e o exterior com múltiplos percursos de atravessamento em múltiplos sentidos por contraste com o percurso linear da grande avenida. “ (Zúquete, 2000, p. 82, 83, 84)⁶⁵

A Rua Teixeira Pascoais onde de um lado da rua os edifícios têm continuidade com os prédios pré- existentes e do outro lado surge uma zona de verde criando uma oposição com o espaço urbano construído. A Rua Antero de Figueiredo é uma rua que

⁶⁴ O Bairro de Alvalade devido à sua grande escala, criava zonas sem ligação urbana como é exemplo a célula 8.

⁶⁵ O Bairro das Estacas reinventa o traçado linear do PUA.

cruza o bairro. No lado sul surge os edifícios na perpendicular onde nos podemos a perceber da geometria linear dos blocos e o contraste do terreno ligeiramente desnivelado. Os edifícios mantém mais ou menos a mesma altura que os edifícios do Bairro de Alvalade. Na parte norte o bloco cria uma zona de conclusão do bairro, delimitando o Bairro da Estacas do Bairro de Alvalade. Na Av. Frei Miguel Conteras os edifícios surgem perpendiculares e com fachadas cegas à linha férrea, considerada uma zona de rotura. Assim os 5 blocos fecham o quarteirão num local de difícil integração e continuidade, propondo um novo lugar no Plano de Alvalade. Os blocos com uma linguagem articulada e perpendiculares a linha férrea formam uma malha moderna tendo como limite o espaço de Alvalade. O local surge um edifício contínuo e articulado rodeado por zonas dispersas construídas de forma tradicional e sem ligação urbana. No Bairro de Alvalade os edifícios estão dispostos nas ruas de uma forma tradicional, fazendo corredores. No Bairro das Estacas os edifícios estão organizados de uma forma articulada separados por logradouros. Os logradouros no Bairro de Alvalade, ficam nas traseiras dos edifícios sendo uma zona secundaria. No Bairro das Estacas os logradouros fazem também parte da articulação do desenho urbano. O Projeto das Estacas apresenta uma linguagem moderna mas que se afasta de modelos predefinidos, construindo um novo lugar, dentro dos princípios da Carta de Atenas. Ricardo Zúquete refere sobre o Bairro das Estacas:

” Distante da resposta impressionável, é uma resposta articulada com o referencial de um passado e a proposta de uma rotura dialógica, que viria a principiar um conjunto de reflexões sobre a linguagem da urbanidade moderna, e na sua continuidade no diálogo com a cidade tradicional.“ (Zúquete, 2000, p. 84)⁶⁶

A modernidade é caracterizada por novas abordagens urbanas com um desenho uniforme e livre. Tal como todo o edifício, o desenho urbano do Bairro das Estacas é também modulado de uma forma perfeita e moderna. Alvalade é um paço importante, na sequência de uma nova urbanidade criando novas opções de habitar a cidade, afastando-se em definitivo dos bairros rurais. O P.U.A de tinha agora um novo projeto de arquitetura moderna, propondo um novo lugar com inovadoras formas de habitar

⁶⁶ O projeto das Estacas apresenta uma proposta urbana articulada.

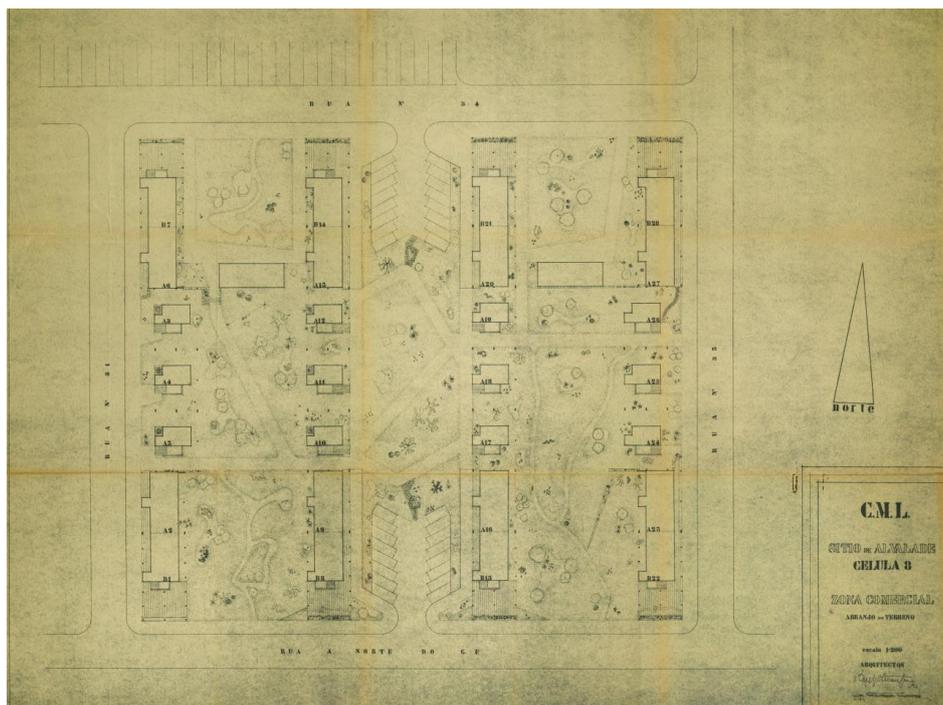


Ilustração 8-Planta de arranjo do terreno, Bairro de Alvalade, 1950-1959. (Lisboa, 1950-1959)

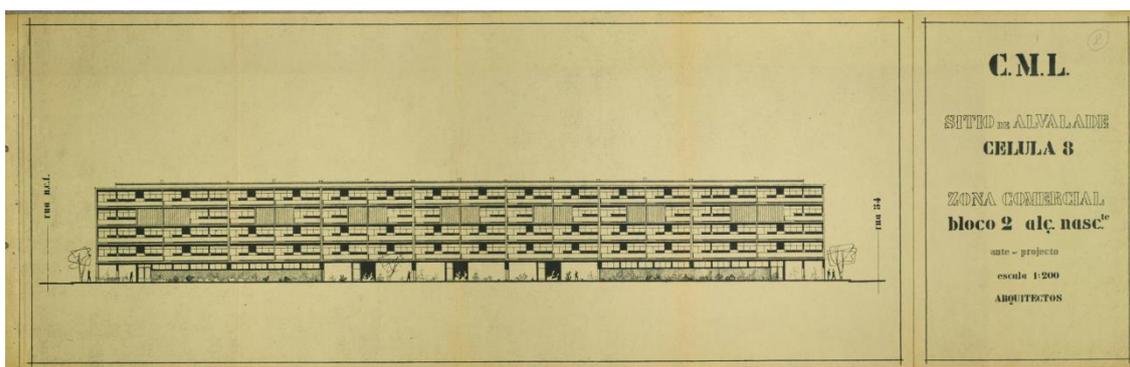


Ilustração 9-Alçado nascente da zona comercial, 1950-1959. (Lisboa, 1950-1959)

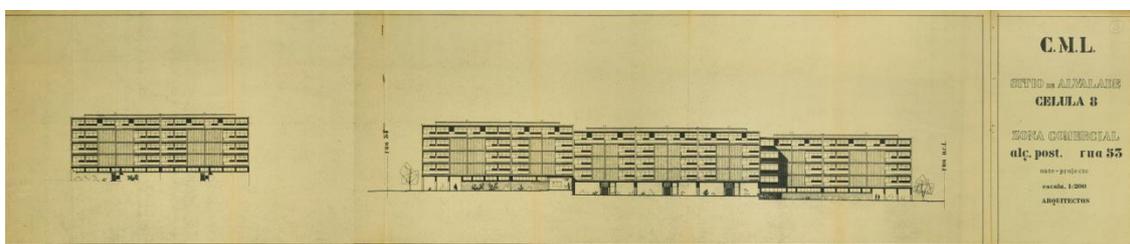


Ilustração 10-Alçado posterior da zona comercial, 1950-1959. (Lisboa, 1950-1959)



Ilustração 11 - Rua Teixeira Pascoais, Bairro das Estacas, 1967. (Fernandes, 1967a)



Ilustração 12 - Rua Antero Figueiredo, 1967. (Fernandes, 1967b)



Ilustração 13 - Logradouro, Bairro de São João de Deus, também conhecido por Bairro das Estacas, 1958. (Seródio, 1958).



Ilustração 14 - Rua Bolhão Pato, 1964. (Goulart, 1964).



Ilustração 15 - Av. Frei Miguel Conteras. (Passaporte, 195-).



Ilustração 16-Conjunto urbano do Bairro das Estacas, panorâmica de Alvalade, entre 1960 e 1969. (Pastor, 196-)

4. MALHA DO PROJETO DA POUSADA EM RIBAFRIA

Em relação ao projeto do 5º ano, consistia na construção de uma pousada num palácio preexistente em Ribafria. Era um palácio antigo rodeado por um intenso espaço verde que caracterizava Serra de Sintra. O palácio rodeado de espaço verde, surgia como uma pequena ilha construída em contraponto com a intensa zona verde. Este contraste de matéria construída e matéria orgânica foi para mim a situação mais interessante do local.

O palácio era também organizado por sequência de malha e de ritmos produzido pelos edifícios. Esta malha para mim era a situação que produzia melhor o contraste com a natureza que rodeava o palácio. Tentei que o meu edifício desse continuidade a este contraste, produzindo-o através de uma malha também. Tentei dar continuidade ao palácio e a esta ideia de ilha que ele continha repetindo alguns dos seus blocos formando uma espécie de malha. Os edifícios ao repetirem a malha do palácio pré-existente tentam exprimir a mesma linguagem organizativa do palácio. Com a malha tento reproduzir no meu projeto a ideia de tranquilidade que o palácio pré-existente tem com a Serra de Sintra.

O local sendo um imenso espaço verde que caracteriza a Serra de Sintra foi uma das situações que me intrigou mais. Este extenso espaço verde por vezes é rompido por rochedos, criando assim situações contraste. No local deparei que o palácio criava este mesmo contraste com a Serra e com a vegetação. Interrogou-me qual o elemento do palácio que melhor proporcionava este contraste de matéria construída e matéria orgânica. A malha do palácio ao ter um desenho mais regular e simples aproximava-se mais com esta situação de intriga. Tive intensão que o edifício proposto mantivesse esta ideia de contraste com a natureza para que parece-se os rochedos que rompiam a Serra. Assim a pousada proposta é construída através de uma matriz dando continuidade à matriz do edifício do palácio pré existente. Nos vários núcleos da pousada eram construídos também com a mesma matriz criando esta ideia de rompimento pelas diversas partes do local.

A malha construída pelos blocos do palácio foi um dos aspetos que me intrigou mais, já que criavam um ritmo e uma sequência no desenho do palácio. Tentei reproduzir essa sequência no edifício proposto e nos vários núcleos que a pousada tinha em diversas zonas do terreno, desenvolvendo assim um edifício com ritmos modulares e com continuação com o ritmo dos blocos do palácio. A matriz surge assim como elemento de ligação do projeto proposto com o palácio. A matriz do palácio é

constituída por 2 blocos perpendiculares a outros 3 blocos. Na pousada proposta tentei que a sua matriz tivesse uma sequência igual com um bloco perpendicular a um outro. A matriz constituída com blocos na perpendicular, ao se repetir pelos diversos pontos do terreno tenta criar uma ligação de desenho no projeto, sugerindo uma proposta continua e global. Os edifícios com a trama, sugerem a ideia de contraste com o espaço verde envolvente, em várias zonas do lugar.

Percorrendo os caminhos que o local nos proporciona, através do imenso espaço verde, por vezes sentimos necessidade de uma clareira e um sentido de orientação. O palácio é um desses momentos, situados numa clareira rompendo por entre as árvores. Assim os edifícios propostos continham também esta ideia, estando situados pelos percursos do local proporcionando momentos de rompimento. O local ficava assim definido por momentos de quebra, oferecendo o descanso nos percursos pedonais. O lugar era assim pontuado por edifícios em trama, num imenso espaço verde que caracterizava a Serra de Sintra. Os edifícios ao criarem pontos de contraste no local, contém uma linguagem de sequência, criando ritmos na leitura do lugar. Os blocos ao estarem definidos por tramas criam um momento de continuidade com o palácio sugerindo na sua globalidade ritmos pelas diversas partes do terreno. O local era assim definido por momentos de rompimento e ritmos provocados pelos edifícios. Tal como acontecia na definição da trama, constituída pela repetição de blocos na perpendicular através de ritmos. Assim surgia um conjunto de edifícios com a mesma linguagem construtiva, proporcionando momentos de clareira na imensidão da Serra de Sintra. O local era também definido por situações de percursos entre as grandes árvores. Podíamos então passear pelo local e ter momentos de descanso e orientação nas clareiras no rompimento que os edifícios proporcionavam. Com os blocos em trama ficavam definidos a continuação com o palácio surgindo através dela os edifícios propostos. Nesta sequência surgem edifícios em matriz perpendicular com continuação com o edifício pré existente. Tal como os rochedos que rompem a Serra de Sintra os edifícios rompiam árvores com formas simples e regulares. Os blocos ao romperem as várias zonas do terreno produzem zonas de clareira proporcionando com os pátios, zonas de descanso e de convívio na pousada. Pelos percursos do local podíamos passear pela natureza e ter zonas para repousar. A trama perpendicular do palácio sugere um ritmo e uma sequência definindo também zonas exteriores com são exemplo os pátios que constituem o edifício pré existente. No edifício proposto surge a mesma ideia com blocos em trama intervalados com zonas para pátios.

Os vários núcleos de edifícios eram constituídos pelas diversas funções de funcionamento da pousada. Junto à entrada situava-se o primeiro núcleo de edifícios constituído por áreas de serviço e portaria. Caminhando para o palácio encontrávamos no bloco mais à esquerda uma zona destinada ao pessoal e restaurantes. Por um bloco do palácio pré existente podíamos ter zonas destinados a bibliotecas e transitar para o bloco dos quartos situado a poente do palácio pré existente. No conjunto de blocos mais a poente do local estavam situados também quartos da pousada.

Os edifícios propostos mantinham a mesma cota de altura dos bloco do palácio, salientando a continuidade com o edifício pré existente e com a ideia de globalidade que tentei dar ao projeto. Os edifícios mantinham a mesma cêrcea de altura, criando uma ideia de união com o palácio.

O alçado era constituído por vãos com a forma retângular igual, mantendo a mesma forma do desenho em planta dos blocos. Na parte lateral de cada bloco, os vãos retangulares surgiam com uma posição vertical e nos alçados de frente dos edifícios os vãos retangulares estavam na horizontal. Eram assim criados dois ritmos diferentes de janelas nos alçados, sugerindo a mesma linguagem de sequência que é proposta no desenho em planta dos blocos.

4.1. COMPARAÇÃO DA MALHA DO PROJETO DA POUSADA EM RIBAFRIA COM MALHA DO BAIRRO DAS ESTACAS

Surgem duas analogias com o projeto do Bairro das Estacas. Na primeira analogia, a malha do projeto das Estacas reinventa a malha do plano de Alvalade (constituída por vias viárias) ou seja a malha surge de uma situação pré -existente e de continuidade com o Bairro de Alvalade. No projeto da Pousada de Ribafria a malha surge de uma situação também pré-existente. É repetida a malha do palácio para que haja continuidade com o palácio e principalmente com a sua malha.

Na segunda analogia, o projeto das Estacas cria uma malha com articulação modular, ou seja uma repetição de blocos da mesma largura, para que haja uma repetição modular no desenho urbano do projeto. Na Pousada de Ribafria tentei que os edifícios propostos tivessem larguras iguais aos blocos dos edifícios da pousada, construindo um malha de ritmos iguais. Assim surge no projeto proposto uma repetição modular tal como acontece no projeto das Estacas. No projeto da Ribafria tentei criar uma repetição modular através 2 blocos de largura igual às medidas de alguns blocos do

palácio pré-existente no intuito de uniformizar o palácio proposto e criar ritmos modulares.



Ilustração 17 - Palácio de Ribafria, zona de entrada. (Ilustração nossa, 2013)



Ilustração 18 - Palácio de Ribafria. (Ilustração nossa, 2013)

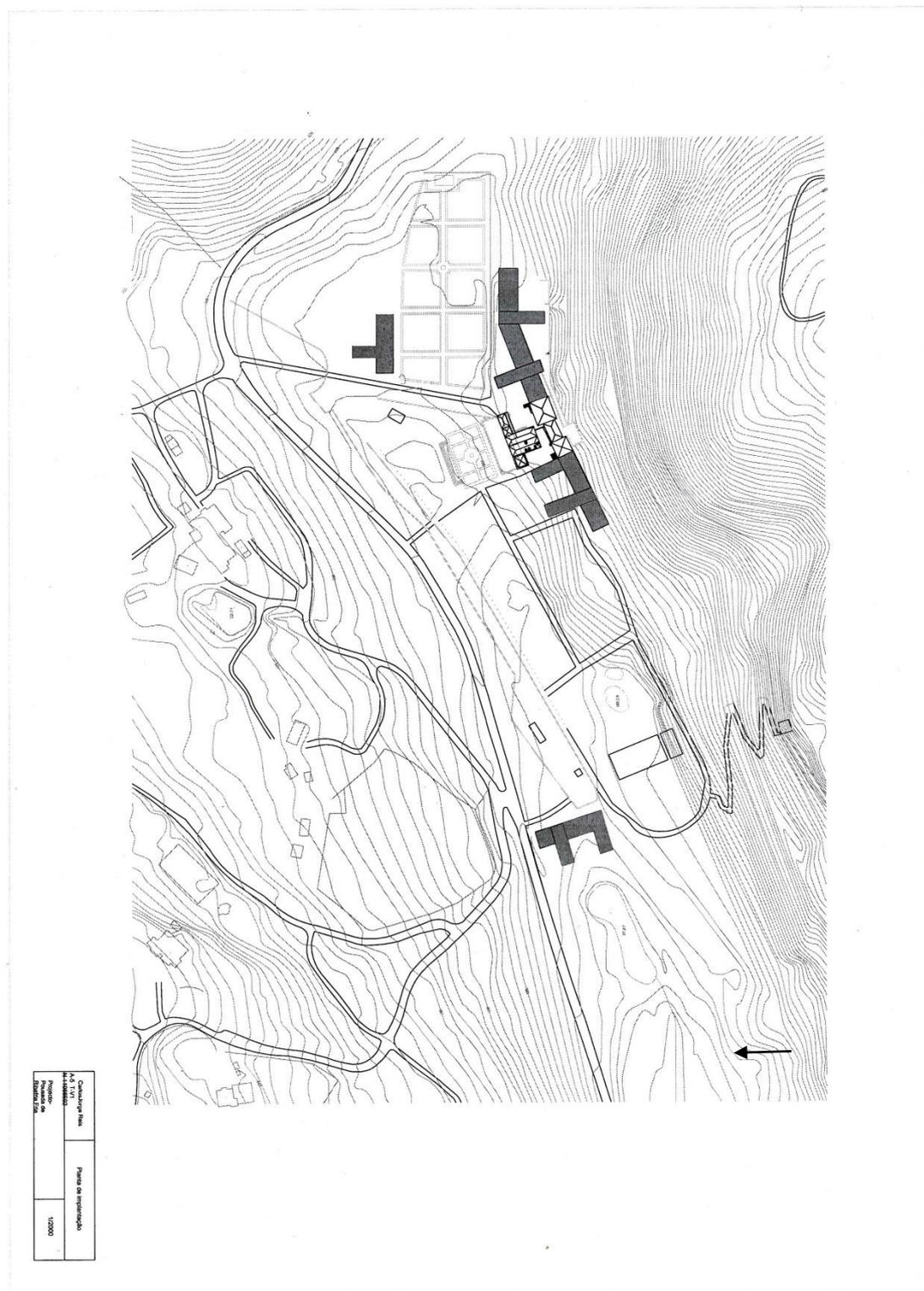


Ilustração 19 – Planta da implantação do projeto da Pousada de Ribafria

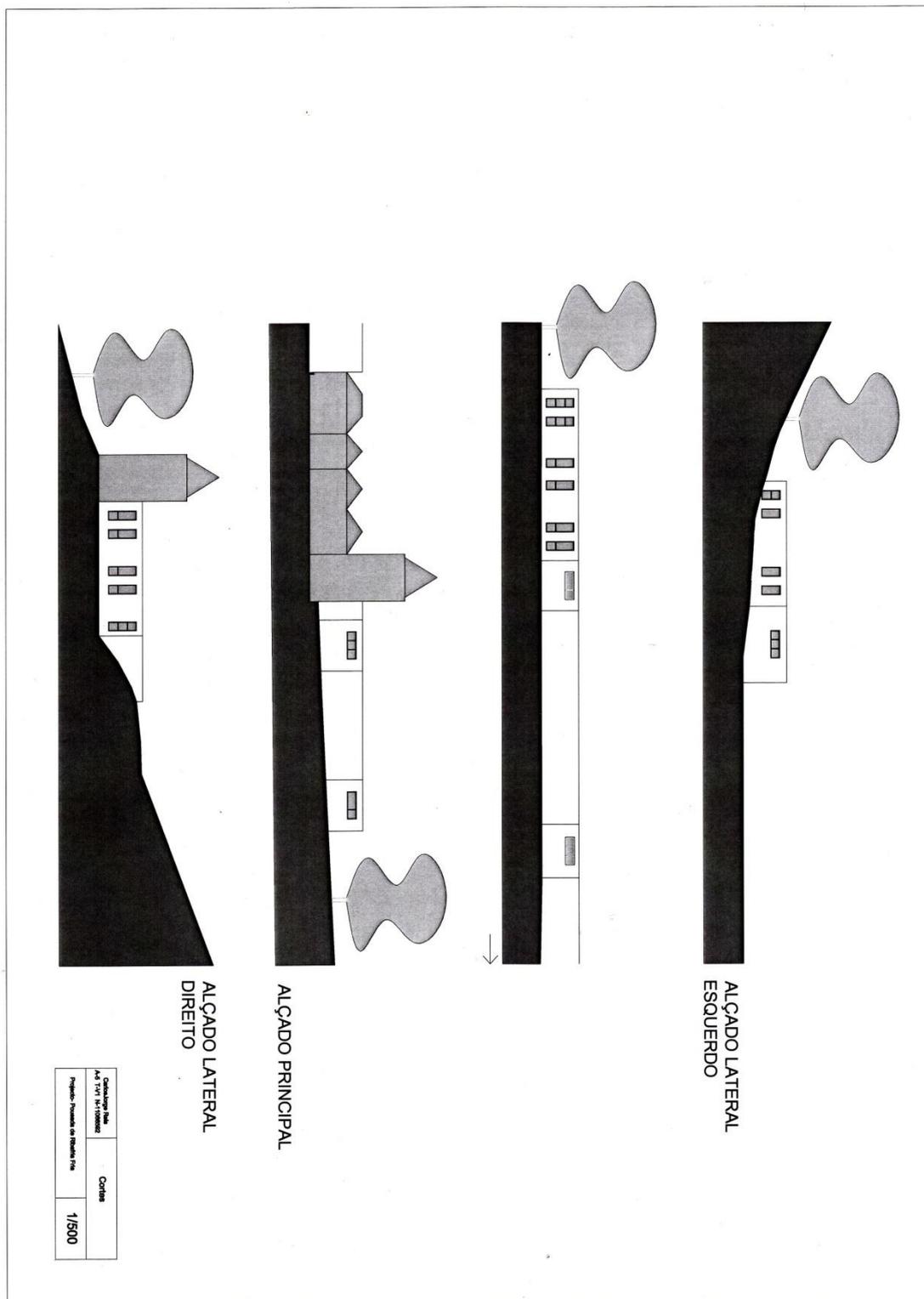


Ilustração 20-Alçados do projeto de Ribafria

5. POSFÁCIO

Neste posfácio, e *em jeito* de considerações finais, junta-se um apanhado que procura fazer uma síntese do trabalho aqui apresentado, como um remate, deixando em aberto para outras investigações ou projetos que possam prosseguir com esta investigação.

No primeiro caso apresentado, o Plano Diretor de Urbanização de Lisboa (PDUL), surge devido aos problemas habitacionais que surgiram em Lisboa com o acréscimo populacional, aumentando a cidade para dimensões urbanas de grande escala. Era assim urgente a construção de um plano que reorganiza-se a cidade. Os bairros económicos surgiram também como uma das soluções aos problemas habitacionais e financeiramente adaptavam-se na perfeição aos encargos que o Estado pretendia. Esses bairros eram inspirados no modelo tradicional da *Casa Portuguesa* com casas unifamiliares, em oposição aos edifícios de habitação coletiva, sugerindo o mesmo ambiente rural das aldeias e vila típicas. Este modelo tradicional de bairro no entanto não se adaptava a realidade urbana da cidade. Eram obras que davam ênfase à capacidade realizadora do Estado através de uma arquitetura tradicional. O PDUL era constituído por uma matriz com vias viárias estruturando a nova progressão urbana da cidade. No entanto, o plano dava também continuidade e ênfase às ideias tradicionalistas do Estado Novo afastando-se dos verdadeiros problemas urbanos de Lisboa, cidade que até esta altura sempre teve um crescimento lento e talvez não estivesse apta para um traçado tão forte e para uma intervenção desta dimensão.

No segundo caso o Plano de Urbanização de Alvalade (PUA) vem na sequência da resolução do problema habitacional, criando tal como o PDUL uma trama urbana, tendo assim continuação com o plano da cidade. O Bairro de Alvalade surge da política urbana realizada pelo Estado para *Habitação Económica*, abandonando por definitivo os modelos de cariz rural, ensaiando uma proposta com um carácter mais urbano, sem nunca deixar de apresentar as ideias tradicionalistas da arquitetura e imagem do regime, passando de um bairro de uma escala urbana de cidade-aldeia para uma escala de cidade-vila.

O plano tinha com sistema organizativo a unidade de vizinhança e o zonamento que criava zonas para as diversas áreas de funcionamento. O Bairro de Alvalade conjugava também vários tipos de estratos sociais com vários tipos de rendas, inovação que viria a ser conhecida como o *mix-social*, grande inovação há época, com

resultados de enorme qualidades do ponto de vista urbano, como é visível aos dias de hoje .

O bairro surge do desenvolvimento do plano da cidade para norte, tendo também como elementos estruturantes as vias viárias, construindo uma trama que no seu interior situavam-se as variáveis unidades habitacionais. A grande inovação do bairro é a construção de habitação coletiva abandonando os modelos de casa unifamiliares.

No terceiro caso apresentado, e primeiro caso de estudo, o Bairro das Estacas apresenta-se como um projeto emblemático do segundo modernismo em Portugal. Com inspiração do Modernismo Brasileiro, houve, por parte Ruy d'Athouguia e Formosinho Sanches, uma grande disponibilidade em concretizar este projeto, com estas características, já que em Portugal eram poucos os projetos modernistas em contraponto com o que vinha sendo feito no Brasil desde o início dos anos 40. O país estava de costas voltadas para este tipo de arquitetura, estagnado no *estilo nacionalista* do Estado Novo.

EM 1948 realiza-se realizada o “Primeiro Congresso dos Arquitetos” em Portugal, onde se pôs em causa a arquitetura do Estado Novo e se discutiram os princípios da Carta de Atenas. Com o final de guerra surge também alguma instabilidade no regime. É realizado o congresso no intuito de mudar o rumo da Arquitetura Portuguesa, com ideais democráticos, dando oportunidade à arquitetura moderna.

O projeto das Estacas realizado em 1946, numa altura em que predominava em Lisboa a arquitetura nacionalista do Estado Novo, baseada em ideias tradicionais, que se preocupava mais em intenções políticas que nos verdadeiros problemas urbanos da cidade.

O “Bairro das Estacas”, fica situado numa extrema, à entrada sul do plano de Alvalade. O PUA constituído por vias viárias cria alguns momentos urbanos de difícil integração e de rotura. O bairro ficava situado entre as traseiras da Av. dos Estados Unidos da América e a linha férrea. No entanto o projeto das Estacas não deixa de ter continuidade com o Bairro de Alvalade através dessa proposta moderna. O projeto das Estacas reinventa a geometria da malha do PUA através de um desenho urbano com repetição modular. Os blocos apresentam-se mais ou menos a mesma altura dos edifícios do Bairro de Alvalade tendo uma integração com o bairro. Os logradouros fazem parte da linguagem articulada do projeto, surgindo em alternância com os blocos, sobre influência da Carta de Atenas.

Na arquitetura portuguesa a relação interior/exterior dos edifícios sempre foi entendida como uma enorme barreira. No projeto das Estacas existe uma diversa e mais próxima relação entre o interior do edifício e o seu exterior, através de grandes vãos de janelas e varandas de grandes dimensões. A estrutura surge à vista fazendo parte também da linguagem modular que constrói a fachada. O projeto das Estacas apresenta uma linguagem articulada desde o desenho urbano, alçado, fogo, etc. Todos os elementos do projeto tem continuidade de acordo com a nova linguagem moderna.

O Bairro das Estacas foi premiado na Bienal de São Paulo em 1953. O júri salientou a integração urbana do projeto como também a utilização de matérias correntes. Poderá ter sido um dos prémios internacionais mais importantes, entregue a um arquiteto português, até à geração da atualidade. (Ragazzi, 2007, p. 28; André, 2009, p.17)

No último caso apresentado, no projeto da pousada de Ribafria e segundo caso de estudo, existe uma intensão de dar continuidade ao palácio preexistente, através da sua malha. O palácio, com a sua matriz, provoca no local uma ideia de contraste com o espaço verde que o rodeia. A partir desta ideia tive intensão construir edifícios propostos através de uma trama, reproduzindo a mesma ideia de contraste que o palácio criava com espaço verde que o envolvia. O palácio é constituído por uma matriz de dois blocos perpendiculares a outros três, criando assim uma sequência no desenho em planta do palácio. Esta trama é sugerida nos edifícios propostos criando assim uma continuidade com o edifício pré existente. Nos diversos núcleos da pousada é também repetida a mesma sequência de edifícios em trama. O local ficava assim pontuado por momentos de rompimento. Em diversas zonas do terreno surgiam edifícios em trama, que rompiam as zonas verdes.

Rodeado de um intenso espaço verde, o palácio aparecia como uma ilha, criando um contraste com o local. Neste edifício pré-existente um dos aspetos que acentuavam mais este contraste era a sua organização em matriz, com dois blocos perpendiculares a outros três. Surgiu assim a ideia do edifício proposto, fosse construído também através de uma matriz com blocos na perpendicular, dando continuidade ao palácio e a esta ideia de contraste. A trama surgia como elemento de união entre os edifícios propostos e o palácio pré existente, criando no projeto uma ideia global e de continuidade. O local era assim pontuado por edifícios em trama criando vários ritmos e vários momentos de rompimento na leitura do lugar. O palácio era constituído por blocos em matriz, criando também uma sequência e um ritmo. Este ritmo foi um dos momentos que me intrigou mais já que produzia uma sequência no desenho organizativo do palácio. Tentei que os edifícios propostos contivessem e

reproduzisse também ritmos, através de uma linguagem de repetição modular. A matriz do palácio definia também dois pátios exteriores. No edifício proposto tentei dar continuidade a esta ideia, através de pátios alternados pelos blocos. No alçado é criado também dois ritmos de vãos dando sequencia à mesma linguagem de repetição que é sugerida no desenho em planta dos blocos. Os edifícios surgem à mesma cota do palácio salientando a continuidade com o edifício pré existente.

Esta dissertação teve como objetivo o estudo e análise da *malha* enquanto suporte figurativo em projetos de arquitetura, usando para isso alguns casos de estudo com o seu devido enquadramento. No projeto de Ribafria a malha aparece como um elemento de continuidade com o palácio pré existente e surgindo no edifício proposto com uma linguagem de repetição modular. Foi com estas duas ideias que surgiu o estudo do Bairro das Estacas, já que tinha como ideia principal uma trama urbana com continuidade com a malha pré existente do PUA e o seu desenho urbano baseava-se também na repetição modular.

REFERÊNCIAS

ACCAIUOLLI, Margarida (1991) - Os anos 40 em Portugal : o país, o regime e as artes. Lisboa : Faculdades de Ciências Humanas, Universidade Nova. Tese.

ALEGRE Maria (1999) - Estudo diagnóstico de consulta das casas de recursos económicos das células I e II do Bairro de Alvalade. Lisboa : Instituto Superior Técnico. Dissertação.

ANDRÉ, Paula (2009) – Imagens e citações arquitetónicas com valores patrimoniais. Lisboa : ISCTE.

BARROCO, Sofia Alexandra Duarte (2011) - Apropriação de espaço : tipologia habitacional versus equipamento no Plano de Alvalade. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa. Dissertação.

COSTA, João Guilherme Faria da (1945) - Plano de urbanização da zona a sul da avenida Alferes Malheiro [Documento cartográfico]. [S.l. : s.n.]. 18 fl. Disponível no AML. Código Referência: PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0545.

COSTA, João Pedro (2010) - Bairro de Alvalade um paradigma no urbanismo português. Lisboa: Livros Horizonte.

FERNANDES, Augusto de Jesus (1967a) - Bairro das Estacas [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 1 Fotografia. Disponível no AML. Código de Referência: PT/AMLSB/AJF/S01943.

FERNANDES, Augusto de Jesus (1967b) – [Rua Antero Figueiredo] [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 1 Fotografia. Disponível no AML. Cota: A58148. Código de Referência: PT/AMLSB/AJF/S01864.

GOULART, Artur (1964) - Rua Bolhão Pato [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 1 Fotografia ; 6 x 6 cm. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose. Disponível no AML. Cota: A44689.

LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL (1953) - Construção de casas económicas-programa de ensaios. Lisboa : LNEC.

LISBOA. Câmara Municipal. Arquivo Municipal (1938) - Plantas diversas do bairro das Terras do Forno [Documento cartográfico]. [S.l. : s.n.]. Planta escala 1:2500. Acessível no AML. Cota: 62A.

LISBOA. Câmara Municipal. Arquivo Municipal (1950) - Fotografia aérea do Bairro de Alvalade [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 1 fotografia. Disponível no AML. Código de Referência: PT/AMLSB/PEL/005/S00578. Código de Referência: PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0721.

LISBOA. Câmara Municipal. Arquivo Municipal (1950-1959) - Bairro de Alvalade [Documento cartográfico]. [S.l. : s.n.]. 20 fl. Plantas escala 1:200. Disponível no AML. Código de Referência: PT/AMLSB/CMLSB/UROB/EV/0721.

LISBOA. Câmara Municipal. Repartição de Urbanização e Expropriações (1944-1949) - Relatórios da Repartição de Urbanização e Expropriações dos anos de 1944 a 1949. Disponível no AML. Lisboa. Cota: 71 B/DMPGU.

MARQUES, Beatriz (2009) - O vale de Alcântara como caso de estudo evolução da morfologia urbana. Lisboa: IST. Dissertação.

NUNES, Abreu (1953) - Fotografia aérea do Bairro de Alvalade [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 6 x 9 cm. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose. Disponível no AML. Código de referência: PT/AMLSB/ABR/000033.

PASSAPORTE, António (195-) - Av. Frei Miguel Conteras [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 1 Fotografia ; 9 x 12 cm. Negativo de gelatina e prata em vidro. Disponível no AML. Cota: PAS002818.

PASTOR, Artur (196-) - Panorâmica de Alvalade [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 1 Fotografia ; 6 x 6 cm. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose. Disponível no AML. Cota: ART000132.

RAGAZZI, Graça Correia (2007) – Permanência do moderno : Ruy Athougua. Jornal arquitetos. Lisboa. 229 (Dezembro. 2007) 28-35.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos (1947) – Lisboa : oito séculos de história. Lisboa : Câmara Municipal de Lisboa. Publicações comemorativas do 8º Centenário da Tomada de Lisboa aos Moiros, muito ilustrado com mapas, gravuras antigas, reprodução de manuscritos.

SERDOURA Francisco (2006) - Espaço público, vida pública, o caso do Parque das Nações- IST.

SERÔDIO, Armando (1958) - Bairro de São João de Deus, também conhecido por Bairro das Estacas [Documento icónico]. [S.l. : s.n.]. 1 Fotografia ; 9 x 12 cm. Negativo de gelatina e prata em acetato de celulose. Disponível no AML. Cota: A27447.

TAVARES, Maria (2010) - Uma perspetiva estratégica [nos anos 50 e 60 em Portugal] Habitações Económicas : Federação de Caixas de Previdência. Lisboa : ISCTE. Dissertação.

ZUQUETE, Ricardo (2000) – Ensaio sobre habitação social -1950/80. Barcelona : Escola Superior de Arquitetura de Barcelona. Tese.

BIBLIOGRAFIA

PEREIRA, Luz Valente (1984) - Planeamento municipal. Lisboa : LNEC.

PEREIRA, Luz Valente (1987) - Arquitetura urbana : métodos e critérios de projeto. Lisboa : LNEC.

PEREIRA, Luz Valente (1990) - A utilização da cidade : estudo sobre a cidade de Lisboa. Lisboa : LNEC.

PEREIRA, Luz Valente (1996) - Metodologia de planeamento da reabilitação de áreas urbanas. Lisboa : LNEC.

